



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Marcio Luis Fernandes

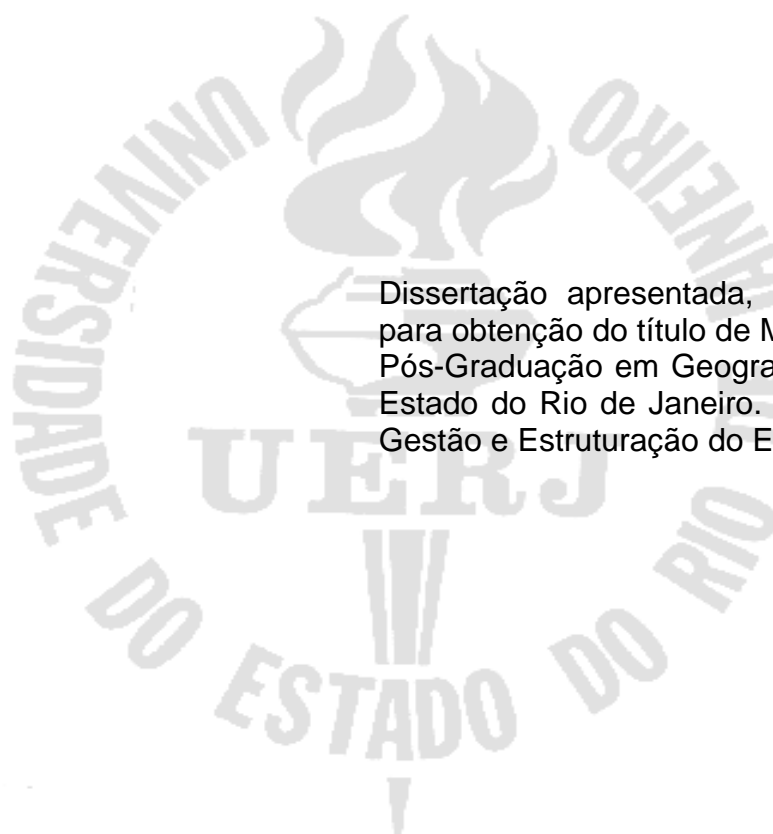
**Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba**

Rio de Janeiro

2010

Marcio Luis Fernandes

**Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientador: Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello

Rio de Janeiro  
2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

F363 Fernandes, Marcio Luis  
Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de  
Ilha de Guaratiba / Marcio Luis Fernandes. – 2010.  
99 f. : il.

Orientador: João Baptista Ferreira de Mello  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.  
Bibliografia

1. Espaço urbano – Guaratiba, Ilha de ( Rio de  
Janeiro, RJ) - Teses. 2. Investimentos imobiliários –  
Guaratiba, Ilha de ( Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 3.  
Geografia humana – Guaratiba, Ilha de (Rio de Janeiro,  
RJ) – Teses. I. Mello, João Baptista Ferreira de. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Geografia. III. Título.

CDU 911.375(815.3)

Autorizo , apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta tese.

---

Assinatura

---

Data

Marcio Luis Fernandes

**Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e estruturação do espaço geográfico.

Aprovado em 26 de novembro de 2010.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello (Orientador)  
Instituto de Geografia da UERJ

---

Prof. Dr. Miguel Ângelo Campos Ribeiro  
Instituto de Geografia da UERJ

---

Prof. Dr. Álvaro Henrique Ferreira  
Instituto de Geografia da PUC-Rio

Rio de Janeiro

2010

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àquele que é fiel para completar em mim a boa obra que começou;

Àquele que em todos os momentos está comigo, suprimindo cada uma de minhas necessidades;

Àquele que é meu maior incentivador e fonte de toda a minha inspiração;

Àquele que era, que é, que sempre será e que há de vir;

Dedico este trabalho a Deus, por Jesus, autor e consumador da minha fé.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a Deus por mais uma etapa vencida;

À minha mãe, pela dedicação e ajuda;

À minha família, pelo suporte;

Aos companheiros e companheiras de sala de aula, por compartilhar os conhecimentos;

Ao professor Miguel Ângelo, pelos indispensáveis insights captados por ocasião do exame de qualificação e pelo suporte, dedicação e exemplo profissional que sempre demonstrou em sua prática docente;

Ao professor João Baptista, pelos valiosíssimos préstimos a mim conferidos por meio de um irrestrito apoio, sem o qual esse trabalho não se realizaria;

Ao professor Álvaro, por sua emblemática participação e influência desempenhados no transcorrer de minha modesta jornada acadêmica;

Aos moradores de Ilha de Guaratiba, pelo mérito de transformar uma simples porção espacial no melhor lugar do mundo.

Tenho por certo que aquele que em mim começou a boa obra, a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus.

*(Filipenses 1: 6).*

Não somos o que deveríamos ser;  
Não somos o que queríamos ser;  
Não somos o que poderíamos ser;  
Mas, graças a Deus, não somos mais o que éramos.

*(Pastor Martin Luther King)*

Qual ave que vagueia longe do seu ninho, assim é o homem que anda vagueando longe do seu lugar.

*(Provérbios 27: 8)*

## RESUMO

FERNANDES, Marcio Luis. *Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba*. 2010. 99 f Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Ilha de Guaratiba, porção periférica da zona oeste do Rio de Janeiro, caracterizada como um dos últimos remanescentes rurais da cidade, passa atualmente por um processo de mudança de função, uma vez que sua pretérita estrutura rural-agrícola, devido a uma crescente especulação imobiliária após as décadas de 1970 e 1980, vem sendo substituída pela hodierna estrutura urbano-residencial (FERNANDES, 2006). O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao local, principalmente a partir da década de 1990. Além desse relevante evento para nossa análise espacial, por meio de pesquisas qualitativas, pretendemos focalizar outro fenômeno, de porte existencial, pois está vinculado a uma metamorfose sentimental do guaratibano que, no bojo desse processo, tem sido influenciado em sua maneira de viver e/ou ver o seu mundo vivido. Uma vez que, o indivíduo não é distinto de seu lugar (RELPH, 1976) e cada pessoa possui uma geografia particular e pessoal (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004), faz-se necessário uma abordagem fenomenológica que privilegie o indivíduo em seu lugar. Assim sendo, a dissertação tem por objetivo abordar o fenômeno gerado pelo referido processo de urbanização em Ilha de Guaratiba em suas diversas nuances, partindo do enfoque dos principais agentes desse processo: os guaratibanos. Com esse fim, pretendemos traduzir suas geografias pessoais, forjadas por meio de suas experiências vividas, vivência esta responsável pela construção de símbolos pretéritos e hodiernos e de uma forte identificação com seu lugar.

Palavras-chave: Geografia humanística. Espaço. Valorização. Lugar. Valoração. Símbolos. Ilha de Guaratiba.



## ABSTRACT

Ilha de Guaratiba, on the outskirts of the west area of Rio de Janeiro, is characterized as one of the last country zones of the city, and is passing through a change of function nowadays, since it once was an agricultural place and due to the increasing housing speculation at the 1970 and 1980 decades, is being currently replaced for an urban-residential structure (FERNANDES, 2006). The mentioned event is fomenting a big mobility towards the place, most of all from the 1990 decade to the present time. Besides this important fact for our spatial analysis, wherewith qualitative research, we intend to focus another phenomena, with existential matter, because it is related to the guaratiba's natives sentimental transformation. With this process, they had their pace of life touched. Once the human being has no distinction of the place he lives (RELPH, 1976), and each person has a particular and personal geography (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004), it is necessary to show the phenomena in such a way to put a focus in the inhabitant in its place. Actually, the dissertation has as an objective to discuss the phenomena created by the urbanizing process at Ilha de Guaratiba through all of its aspects, beginning with the focus at the most important actors of this process: The guaratiba's people. With this objective, we intend to interpret their personal geographies, formed of their live experiences, experiences that are responsible for the construction of the past and the present symbols of a strong identification with their place.

Keywords: humanistic geography. Space. Valorization. Place. Valuation. Symbols. Ilha de Guaratiba.

## SUMÁRIO

	<b>PRIMEIRAS PALAVRAS .....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>POR UMA GEOGRAFIA MAIS HUMANA .....</b>	<b>17</b>
1.1	Um outro horizonte em busca da humanização da geografia.....	18
1.2	As filosofias do significado: fundamentos metodológicos da Geografia humanística.....	20
<b>2</b>	<b>DESCORTINANDO GEOGRAFIAS PRETÉRITAS E HODIERNAS DE ILHA DE GUARATIBA.....</b>	<b>25</b>
2.1	A pretérita estrutura rural-agrícola.....	25
2.2	A decadência das feiras-livres.....	28
2.3	A influência de Roberto Burle Marx.....	32
2.4	A especulação imobiliária e as residências secundárias.....	35
2.5	A valorização imobiliária e o advento dos condomínios.....	39
2.6	A hodierna tendência urbana e os impactos ambientais.....	41
<b>3</b>	<b>DECIFRANDO SÍMBOLOS PRETÉRITOS E HODIERNOS DE ILHA DE GUARATIBA.....</b>	<b>48</b>
3.1	O caráter identitário da toponímia.....	51
3.2	A natureza como símbolo.....	55
3.3	Símbolos de outrora.....	61

4	<b>DECODIFICANDO GEOGRAFIAS EXISTENCIAIS DE ILHA DE GUARATIBA.....</b>	69
4.1	<b>A valorização do espaço e a criação do lugar dos novos Residentes.....</b>	70
4.2	<b>A valoração e o estreitar dos laços com o lugar dos antigos Guaratibanos.....</b>	74
4.3	<b>Topofilia: experiências íntimas com o lugar.....</b>	77
4.4	<b>Etnocentrismo: o lugar como centro (umbigo) do mundo.....</b>	80
5	<b>PALAVRAS FINAIS .....</b>	87
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	93

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Ao focalizar a transformação do espaço indiferenciado em lugar através, tanto das experiências nele vividas, quanto do processo de dotação de valor ao mesmo, Tuan (1983) refere-se ao valor simbólico e afetivo (valorização) atribuído por indivíduos e grupos sociais a uma dada localidade. No entanto, a passagem de espaço para lugar não envolve apenas o valor simbólico e afetivo da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, o valor econômico (valorização), ou de outras esferas, conferido a um fixo, logradouro ou área, pode representar um elemento indispensável para transformações espaciais qualitativas (FERNANDES, 2006).

Nestas circunstâncias, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar é forjado através das experiências vividas, mediadas – na maioria das vezes – por uma longa e/ou intensa interação do indivíduo com seu mundo vivido. Esses valores são singulares, coletivos, subjetivos e intersubjetivos, fazendo assim parte do acervo íntimo e particular do(s) indivíduo(s) e grupos sociais. Em sua abordagem humanística da relação entre espaço e lugar, Mello (1990), com base em Tuan (1983), assevera que determinados espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo pode ganhar foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc (MELLO, 1990). Neste contexto, espaços se tornam lugares não apenas por meio de trocas afetivas (valorização), mas também através de trocas econômicas (valorização) ou por questão de status (YÁZIGI, 2003). Certos espaços só se tornam lugares após passarem por um processo de valorização que determine uma mudança de seus vivenciadores (valorização) na relação com o seu cotidiano e/ou mundo vivido. Nesse caso, a valorização do espaço pode produzir também a valorização, daqueles que o experienciam, por seu universo vivido que alcança assim o patamar de lugar (FERNANDES, 2003; 2006; MELLO, 1990; 1991; 2000; TUAN, 1982; 1983; 1998).

Ilha de Guaratiba, porção periférica da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, passa, atualmente, por um processo de mudança de função, uma vez que sua pretérita estrutura rural-agrícola, devido a uma crescente especulação imobiliária – que tendo seu início na década de 1970, intensificou-se nos últimos anos da década de 1990 –

vem sendo substituída pela hodierna estrutura urbano-residencial (FERNANDES, 2006). O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao lugar. O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente. A localidade em tela há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas no assunto apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção à Guaratiba, notadamente os segmentos mais abastados (LESSA, 2001).

Além desse relevante fenômeno para a análise espacial, por meio de pesquisas qualitativas, pretendemos focalizar outro fenômeno, de porte existencial, pois está vinculado a uma metamorfose sentimental do guaratibano que, no bojo desse processo, tem sido influenciado em sua maneira de viver.

Todo esse processo de mudança espacial em que a pretérita estrutura rural-agrícola de Ilha de Guaratiba vem gradativamente sendo substituída por uma nova estrutura urbano-residencial, obviamente, tem modificado suas formas espaciais, a função da terra – uma vez que esta, deixando de produzir alimentos – passa a representar uma opção de moradia ou uma gleba de valor imobiliário e, principalmente, a existencial maneira de viver dos guaratibanos.

Em relação às transformações espaciais que ocorrem em um dado lugar, pensamos que as metamorfoses existenciais, as perspectivas e as demais experiências vividas por seus habitantes não devem ser negligenciadas. Partindo desta premissa, os contextos geográficos pretéritos e contemporâneos de Ilha de Guaratiba serão interpretados considerando as vivências relatadas por alguns de seus vivenciadores.

A expansão do tecido urbano carioca, notabilizado pelo fenômeno descrito por Abreu (2008) como “febre imobiliária,” depois de ter percorrido o litoral a partir do centro da cidade (Área Central – Zona Sul – Barra da Tijuca – Recreio dos Bandeirantes) e, mesmo no interior, no âmbito da Zona Norte, “Central do Brasil”, Leopoldina e Zona Oeste tradicional, urge por atravessar o maciço (Serra da Grota Funda) em direção à Guaratiba (LESSA, 2001), envolvendo um espaço a ser descortinado, quem sabe, alçado à categoria de lar ou lugar, tendo em vista a chegada de novos moradores que,

segundo Haesbaert (2004), tanto podem influenciar os grupos mais enraizados, como podem por eles ser subordinados.

Com o Planeta sofrendo intensas transformações, urge saber de seus próprios indivíduos quais os seus sonhos, premências, embates e triunfos. Com efeito, a dissertação opta por um atalho de significativa pertinência, dando voz aos seus novos e antigos moradores para o entendimento de seus lugares vividos.

A passagem de espaço para lugar, como temos discorrido, emerge das experiências vividas pelo(s) indivíduo(s) e/ou grupos sociais em seus lugares. Por ser de natureza existencial, essa metamorfose subjetiva ocorre a partir da mudança de postura das pessoas com seu mundo vivido. Por fazer parte do acervo íntimo de cada indivíduo, esse tipo de experiência pode ser descrita por meio de depoimentos nos quais a pessoa relata suas práticas cotidianas e os valores históricos, culturais, afetivos, sociais, estéticos, econômicos e simbólicos atribuídos a um outrora espaço indiferenciado que – após ganhar visibilidade e/ou permanência – se transforma em lugar (FERNANDES, 2003; 2006; MELLO, 1990; 1991; 2000; TUAN, 1983; 1998; YÁZIGI, 2003).

Os lugares são repletos de símbolos, sendo este preceito defendido pelos geógrafos do horizonte humanístico, segundo os quais os lugares e seus símbolos adquirem profundo significado de acordo com os laços emocionais tecidos ao longo dos anos (MELLO, 2003; TUAN, 1980; 1983). Nestas condições, o campo humanístico tem como uma de suas tarefas conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico dos lugares. Uma vez que, o indivíduo não é distinto de seu lugar (RELPH, 1976) e cada pessoa possui uma geografia particular e pessoal (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982), faz-se necessário uma abordagem fenomenológica que privilegie o indivíduo em seu mundo vivido. Assim sendo, esta dissertação tem por objetivo abordar a maneira como as transformações espaciais afetam a vida de relações dos guaratibanos em suas geografias existenciais. Nessa trilha, pretendemos traduzir e decodificar suas geografias pessoais, forjadas por meio das experiências vividas, vivência esta responsável pela eleição de símbolos pretéritos e hodiernos e por uma forte identificação com seu lugar.

A pesquisa se justifica pela necessidade de um enfoque de indivíduos e grupos sociais integrantes de uma porção estratégica da cidade do Rio de Janeiro (LESSA, 2001), quadro este que está sendo rapidamente modificado pelas alterações vigentes. A área em questão tem sido amplamente estudada por agrônomos, biólogos, ambientalistas e arqueólogos que buscam salientar sua importância relacionada à fauna, à flora e à natureza de uma maneira geral. No entanto, a localidade em tela é carente de pesquisas que privilegie o elemento humano em relação às mudanças espaciais e ambientais, campo este específico das ciências sociais e da geografia em particular (MORAES, 2007).

O autor desta pesquisa reside em Ilha de Guaratiba desde seu nascimento, sendo desbravador e conhecedor de seus domínios, possuindo uma grande identificação com seu lugar vivido. Evidentemente que apenas este fato não é suficiente para justificar um trabalho acadêmico. No entanto, Ilha de Guaratiba é um lugar relevante para ser explorado e, nestas condições, ser foco de estudos e pesquisas, motivo para que a dissertação seja desenvolvida com maior motivação.

Nesta trilha, a presente dissertação procurará apresentar um quadro de experiências, vivências simbólicas e afetivas, entre outras, pelas quais o lugar focalizado vem passando, aguçando seu estudo a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais.

Por privilegiar o(s) indivíduo(s) em seu lugar vivido, nossa pesquisa se pauta no método fenomenológico, utilizando também outro suporte filosófico pertencente ao nicho das filosofias do significado, qual seja, a hermenêutica. As bases teóricas desta dissertação foram buscadas em autores humanísticos que se fundamentam em subjetividades, simbolismos e identidades, portanto, em adeptos do método fenomenológico e da hermenêutica como Relph (1976), Buttner (1982), Tuan (1982; 1983; 1998), Holzer (2001; 2008) e Mello (1990; 1991; 1993; 1999; 2000).

Pretendemos manter a linha metodológica nos baseando nos pressupostos da fenomenologia e da hermenêutica que buscam decodificar as geografias existenciais por meio de análises qualitativas onde o indivíduo é importante e o seu mundo vivido fundamental (ARANHA, 1996; ABBAGNANO, 2007) em meio à indivisibilidade sujeito/objeto. Sendo assim, a metodologia proposta baseia-se em intensa pesquisa

bibliográfica e coleta de material filosófico que tem nos fornecido um relevante apoio teórico-conceitual. Nestas condições, não ferindo os princípios do humanismo em geografia, recorreremos a entrevistas e conversas informais com os antigos e os novos guaratibanos, onde buscamos explicitar e interpretar a geografia de cada um desses indivíduos, em uma tentativa de decifrar a(s) geografia(s) de Ilha de Guaratiba com base e compromisso com o referido mundo vivido. A fim de alcançar uma análise fenomenológica, decifrando o sentimento e o entendimento dos indivíduos e grupos sociais em relação ao espaço forjado, vivido e reverenciado, procuramos conduzir nossas pesquisas qualitativas (entrevistas) “ao ritmo da pessoa entrevistada, ou seja, livre, espontânea, informal, sem limitações de tempo e temas e em seu próprio meio”, como preconiza Nogué Y Font (1992, p.90).

Nestes termos, estamos falando da filosofia fenomenológica, na qual a geografia humanística busca elementos para pautar suas pesquisas. A noção mais frequentemente utilizada pelos geógrafos da ala humanística é justamente o conceito de lugar, advindo da fenomenológica e indissociável idéia de mundo vivido no qual não há separação entre o sujeito e o objeto. Nestas circunstâncias, o indivíduo e tudo que o rodeia compõem um mundo pleno de valores, sofrimentos, dilemas, alegrias, vivências e utopias em meio a amigos, parentes, conhecidos, base territorial, sentimentos e assim por diante, compondo um todo de introjeções, estranhamentos, aderências, reinvenções, fobias e pertencimentos (MELLO, 2000).

A presente dissertação, vale repetir, se debruça, igualmente, em traduzir, decodificar e interpretar os mundos vividos, existenciais e coletivos, isto é, subjetivos e intersubjetivos de Ilha de Guaratiba. Com esse fim, as muitas leituras de porte que fizemos durante os inaugurais semestres do mestrado, nos possibilitaram caminhos mais profícuos em relação ao método, onde novos e importantes componentes conceituais (escapismo, simbolismo etc) foram acrescentados. Além disso, as entrevistas empreendidas nos meses de abril, maio e junho de 2009, deflagraram novos elementos, uma vez que buscamos nas pesquisas qualitativas, relatos que dessem conta da teia de complexidade envolvendo os lugares vividos dos antigos e novos guaratibanos.



A partir do processo de renovação da geografia e da eclosão da geografia crítica – entendida como as correntes que romperam com os ideários positivista e neo-positivista – geógrafos de diversas orientações metodológicas (existencialistas, marxistas, ecléticos etc) passaram a assumir uma perspectiva mais humana, buscando por meio da transformação da ordem social, uma geografia mais generosa e um espaço ou lugar mais justo, que seja organizado em função dos homens (MORAES, 2007). Nesse sentido, pensamos que a melhor maneira de focalizar o ser humano no centro de todas as coisas (MELLO, 1991; 2000; 2001; TUAN, 1982; 1983; 1998) seria por meio da utilização dos acervos íntimos e particulares de cada indivíduo nas abordagens do seu universo vivido, onde seu enfoque fosse a base da investigação científica. Assim feito, emergiria uma geografia mais vibrante, generosa e – por que não dizer – mais humana, uma vez que a geografia produzida pelos vivenciadores de sua porção espacial experienciada, poderia produzir, também, um lugar baseado em suas reais necessidades e/ou anseios (econômicas, sociais, afetivas, existenciais etc). Nossa pesquisa consiste em aplicar a premissa aqui descrita, a um contexto sócio-espacial na qual vigora o foco de investigação, propondo com isso a inclusão do(s) guaratibano(s) como seus protagonista(s) e/ou (co)autores.

A dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos. No primeiro, nosso propósito é fornecer um quadro teórico com alguns temas e conceitos que servirão de base para a parte substantiva da pesquisa (capítulos 2, 3 e 4). Assim sendo, nesse capítulo, intitulado Por uma geografia mais humana, nos debruçaremos sobre os pressupostos do horizonte humanístico, estabelecendo este viés como uma proposta para a humanização da geografia. Complementando, então, nossa asserção de focalizar os indivíduos no centro de nossa investigação, versaremos sobre alguns dos princípios defendidos pela hermenêutica e pela fenomenologia, sendo estes os principais fundamentos filosóficos do humanismo em geografia.

No segundo capítulo, nossa meta é tecer uma abordagem sintética do processo de mudanças na espacialidade em tela, intentando contextualizar as geografias de outrora ao contexto geográfico hodierno por meio dos relatos de alguns guaratibanos que vivenciaram e/ou vivenciam as transformações pelas quais o lugar vem passando ao longo do tempo. Com este fim, utilizaremos os pressupostos metodológicos citados

anteriormente, objetivando descortinar geografias de outrora e contemporâneas em uma abordagem que privilegie o enfoque dos muitos geógrafos informais (COSGROVE, 2004) da localidade em tela, em relação ao fenômeno vigente em seu lugar vivido. Assim sendo, neste capítulo, nosso objetivo é descortinar as geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba a partir da decadência da pretérita estrutura rural-agrícola, devido a inúmeros fatores responsáveis pelo advento dos vários condomínios residenciais na área em foco, culminando com transformações que conferem hodiernamente uma estrutura urbano-residencial à porção da periferia metropolitana em tela.

No terceiro capítulo, o conteúdo simbólico do lugar também será alvo de nossa investida, onde por meio de relatos pessoais e individualizados, buscaremos captar e decifrar os símbolos hodiernos e pretéritos de Ilha de Guaratiba, segundo o enfoque dos guaratibanos

Finalmente, no quarto capítulo, versaremos sobre as experiências íntimas dos antigos e novos guaratibanos com o seu universo vivido que, após ganhar visibilidade, tornou-se o centro (umbigo) do seu mundo, ou seja, com uma expressão etnocêntrica, no que diz respeito à geografia. A gradativa metamorfose existencial e as demais transformações subjetivas ocorridas na vida das pessoas no desenrolar do processo de mudança (urbanização) que ocorre na localidade, igualmente, merecerão destaque nesta última etapa da dissertação. Assim sendo, neste capítulo, buscaremos decodificar geografias existenciais de Ilha de Guaratiba.

Mesmo disponibilizando um capítulo contendo os princípios metodológicos da dissertação, pretendemos observar a articulação entre a base teórico-conceitual e o trabalho empírico por meio da utilização de temas e conceitos que nortearão a pesquisa atrelada à sua parte operacional. Vale frisar que a delimitação temática e metodológica encontra-se implícita e/ou explicitamente circunscrita das primeiras às derradeiras páginas desta dissertação.

Diante do exposto, consideremos as questões pertinentes no que tange os pressupostos do horizonte humanístico, bem como os princípios defendidos pela hermenêutica e pela fenomenologia, sendo estes os principais fundamentos filosóficos da corrente que norteia este trabalho dissertativo.

## 1 **POR UMA GEOGRAFIA MAIS HUMANA**

Na concepção de Lowenthal (1982, p. 137), uma geografia memorável não estaria atrelada a meros textos de compêndios – muito menos a perspectivas generalizantes que ignoram as particularidades, as individualidades e as singularidades – “mas a estudos interpretativos que incorpore um acentuado ponto de vista pessoal”. Seguindo tal premissa, entendemos que uma geografia comprometida com aspectos universalizantes que abarcam a sociedade como um todo, eximindo os universos particulares dos indivíduos e grupos sociais, não pode dar conta de uma geografia genuinamente humana e pessoal, forjada por cada geógrafo informal em seu mundo vivido (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982).

Por menosprezar o rico material representado pelas experiências do mundo vivido, bem como as concepções que derivam dessas vivências, “a geografia trilhou um longo caminho até introduzir o homem como ser pensante em suas pesquisas” (MELLO, 1991, p. 1). No início dos anos 1970, no entanto, alguns geógrafos frustrados com uma geografia onde o ser humano representava apenas mais um elemento da paisagem estudada (MORAES, 2007), “começaram a buscar nas filosofias do significado respostas para suas angústias” e caminhos para o rompimento com os pressupostos positivistas e neopositivistas que predominavam na ciência geográfica (MELLO, 1990, p. 22). Surgia a geografia humanística, uma perspectiva que focaliza o homem no centro de todas as coisas, uma vez que todo ser humano pensa e filosofa, sendo portanto capaz de refletir sobre os fenômenos do(s) mundo(s) vivido(s) (BUTTNER, 1982; MELLO, 2000; RELPH, 1976; TUAN, 1982).

Por uma geografia mais humana entende-se aquela que reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição (TUAN, 1982). Nesse sentido, a abordagem humanística em geografia, possuindo a fenomenologia existencial como filosofia subjacente e a hermenêutica como método de interpretação (BUTTNER, 1982; GOMES, 2007), procura valorizar a experiência do indivíduo ou grupo, visando compreender o mosaico de sentimentos e o entendimento das pessoas em relação aos seus lugares. Nessa perspectiva, os geógrafos da corrente em tela argumentam que sua abordagem merece o rótulo de

humanística, pois estudam os aspectos do homem tais como significações, valores, metas e propósitos (CHRISTOFOLETTI, 1982), bem como alegorias, sonhos, devaneios e reminiscências (MELLO, 1991).

### **1.1 Um outro horizonte em busca da humanização da geografia**

O movimento humanístico destaca o homem e o trata com seus significados, valores, objetivos, dilemas e ações em oposição ao enfoque abstrato, mecanicista e determinista dos paradigmas anteriores. A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanísticos a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo vivido. Essa perspectiva, ao defender a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, propõe uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982; 1983).

As idéias acima citadas surgem como relevantes para esta tendência geográfica. No lugar o indivíduo se encontra ambientado e mesmo integrado. Tal expressão conceitual compõe este mundo pleno de sentimentos e afeições, um centro de significância ou um foco de ação emocional do homem. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que exprime afetividade e valores para o indivíduo ou a sua coletividade (CHRISTOFOLETTI, 1982). Em contraponto, o espaço é representado por qualquer porção da superfície terrestre, sendo amplo, desconhecido, indiferenciado, rejeitado ou mesmo odiado (MELLO, 1990; 1991; 2001; TUAN, 1982; 1983; 1998), possivelmente a ser capturado ou conquistado.

Apesar da distinção entre esses conceitos-chave da geografia em geral (CORRÊA, 2002) e da ramificação humanística em particular (HOLZER, 2001; 2008), na experiência, o significado de espaço pode se fundir e/ou confundir com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 1983). Segundo Mello (1990, p. 105):

Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio ou até mesmo odiado, com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc.

A geografia humanística está preocupada com a dimensão afetiva em meio ao vivido/existencial. Assim sendo, é fundamental para os geógrafos de inspiração humanística, não a “distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraíndo uma experiência” (CLAVAL, 2001, p. 46). Nessa trilha, “estar junto, estar próximo, não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23). Lugares e pessoas fisicamente distantes podem estar afetivamente muito próximos. Portanto, o estudo do espaço remonta à análise dos sentimentos e idéias espaciais das pessoas e grupos de pessoas (TUAN, 1982). “Sob a perspectiva positivista a geografia diz respeito à análise da organização espacial. Sob o horizonte humanístico, espaço e lugar assumem características muito diferentes” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23), cabendo ao geógrafo da ala humanística traduzir o que representam por meio de uma estrutura coerente (CHRISTOFOLETTI, 1982; TUAN, 1982).

Da valoração das atitudes decorre a preocupação com gostos, preferências, características e particularidades dos lugares. Valora-se também “o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos universos vividos, na sua personalidade e distinção”. Há então o entrelaçamento entre a pessoa ou grupo social e o lugar (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23), uma vez que o indivíduo não é distinto de seu mundo vivido (RELPH, 1976).

Tuan (1982, p. 159), por seu turno, relata que “a contribuição da geografia humanística para a ciência está na revelação de materiais dos quais o cientista, confinado em sua própria estrutura conceitual, pode não estar consciente”. Para o pesquisador:

Esse material inclui a natureza e a gama de experiências e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambigüidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas.

Para elucidar esse mosaico de objetos materiais e imateriais em meio à indivisibilidade sujeito/objeto, o geógrafo humanístico:

deve ter um interesse penetrante pela filosofia, pois esta levanta questões fundamentais de epistemologia para as quais podemos buscar explicações no mundo real. A filosofia proporciona também um ponto de vista unificado a partir do qual toda uma série de fenômenos humanos pode ser sistematicamente avaliada (TUAN, 1982, p. 161).

Nestes termos, estamos falando da hermenêutica, que segundo Mircea Eliade (1971), é o único método eficaz de interpretação do qual o humanismo não pode se privar, e da fenomenologia, na qual a geografia humanística busca elementos para pautar suas pesquisas (GOMES, 2007).

## **1.2 As filosofias do significado: fundamentos metodológicos da geografia humanística**

Apoiada nos princípios da fenomenologia e da hermenêutica, a geografia humanística tem interesse em entender a alma dos lugares a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais. Esta perspectiva entende ser o lugar parte integrante do ser, sendo cada indivíduo um geógrafo informal capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares, por ser o homem quem produz, aprende, vive e transmite geografia (BUTTIMER, 1982; COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982; MELLO, 2004; 2005; 2007; SCHUTZ, 1979).

“A fenomenologia é a filosofia presente em um número maior de estudos humanísticos em geografia” (MELLO, 1991, p. 36), sendo também considerada um método de investigação (ARANHA, 1996; GOMES, 2007). “Seu criador, o filósofo alemão Edmund Husserl (1859 – 1938) critica as teorias científicas, particularmente as de inspiração positivista, excessivamente apegadas à objetividade e à crença de que a realidade se reduz àquilo que se percebe pelos sentidos” (MELLO, 1991, p. 36).

Etimologicamente, fenomenologia é o estudo do fenômeno, sendo seu papel analisar a dinâmica que fornece sentido e significado aos objetos, tratando o mundo e os seres humanos de uma maneira indissociável (SCHUTZ, 1979). Examinando o

conceito de fenômeno, que em grego significa o que aparece (ARANHA, 1996), compreendemos melhor que a fenomenologia trata do conhecimento como ele surge, isto é, como se apresenta à consciência. Como fonte de significado para o mundo, a consciência não se restringe ao mero conhecimento intelectual, mas é geradora de intencionalidades não só cognitivas como afetivas e práticas. O olhar sobre o mundo é o ato pelo qual o homem o experiencia, imaginando, julgando, amando, temendo (ARANHA, 1996; SCHUTZ, 1979).

A fenomenologia critica a tendência naturalista que orienta o método das ciências humanas. Para esta filosofia, não há fatos com a objetividade pretendida pelo positivismo, já que não entendemos o mundo como um dado bruto, desprovido de significados. O mundo que decodifico é um universo para mim, daí a importância do sentimento, do entendimento e da rede de significações que envolvem os nossos universos vividos (ARANHA, 1996). Para Schutz (1979), o ponto de partida irredutível para as bases fenomenológicas diz respeito às experiências do ser humano consciente, que vive e age em um mundo que ele capta, interage e interpreta – assumindo significados múltiplos.

Como experiência é sempre vivência de alguma coisa, todas as experiências diretas de seres humanos são experiências em, e de, seu mundo vivido, elas o constituem, são dirigidas a ele, são nele testadas e vivenciadas. O universo vivido é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses. De acordo com a filosofia fenomenológica, cada indivíduo constrói o seu próprio mundo. Assim, subjetivamente, duas pessoas jamais poderiam vivenciar a mesma situação da mesma forma (SCHUTZ, 1979). Neste particular, Buttmer (1982, p. 167), assinala que:

os fenomenologistas têm sido os porta-vozes mais sistemáticos de um esforço combinado para reconciliar coração e mente, conhecimento e ação, em nossos mundos diários. Desafiando muitas das premissas e dos procedimentos da ciência positiva, expuseram uma crítica radical do reducionismo, da racionalidade e da separação de sujeitos e objetos na pesquisa empírica. Com os existencialistas, apregoam o argumento da libertação da experiência vivida, apelando por descrições mais concretas do espaço e do tempo, e de seus significados na vida humana diária.

Por contemplar como traço comum a inseparabilidade sujeito-objeto, a fenomenologia examina de maneira radical os fenômenos da consciência ou da experiência vivida, busca os fatos como são produzidos, interpretando a apreensão da essência e desta maneira investiga os atos e o entendimento sobre o mundo vivido. Neste contexto:

O lugar surge como conceito-chave na geografia humanística advindo da noção fenomenológica de mundo vivido emocionalmente, modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambigüidades, envolvimento, sonhos, desatinos, “canções que minha mãe me ensinou”, base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento topofóbico (MELLO, 2005, p. 34).

Por muito tempo os geógrafos excluíram de suas abordagens os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento, a agradabilidade, a topofobia, a fixação aos espaços e lugares, as experiências cotidianas e os elos que unem as pessoas ao meio ambiente. A fenomenologia, considerando esses atributos, serve de ponte a esses especialistas, com vistas ao entendimento do mundo vivido, pois – diferentemente da ciência que omite as questões da vida – não trata o mundo independente dos seres humanos (MELLO, 1991, p. 37).

Com respaldo no mundo vivido, o geógrafo pode entender como nasce a magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial, a distinção de diferentes pontos da cidade, o encantamento, o desprezo, a atração e o que é típico dos lugares (MELLO, 1991, p. 37).

O mundo vivido é a consciência e o meio ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambigüidades, envolvimento, valores e significados, o qual compreende os seres humanos com toda ação e interesses humanos, trabalhos e sofrimentos (MELLO, 1991, p. 37-38).

O mundo vivido de cada um já existia antes do nascimento da pessoa, que vivencia e interpreta seu mundo a partir de valores e estoques de experiências pessoais, e também por meio de outros indivíduos que lhe transmitem conhecimentos pretéritos e hodiernos (MELLO, 2000, p. 57).

A intersubjetividade, ou intermundo, é o mundo comum a diferentes pessoas, cenário e objeto das ações e das interações dos seres humanos. O mundo vivido, continuamente experienciado, é modificado pelas ações humanas, que também modifica as suas ações (MELLO, 1991). “Já o estoque de experiências é um enriquecimento cotidiano, prático e teórico, que fornece ao homem elementos para agir e pensar” (MELLO, 1991, p. 38). “No entanto, este conhecimento não é homogêneo e sim incoerente, parcial, contraditório e ambíguo” (MELLO, 2000, p. 58). “O



conhecimento do mundo, recebido pela cultura formal e informal e completado pela experiência pessoal, gera intimidade e afetividade pelo lugar vivido” (MELLO, 2000, p. 58)). Este mundo que, para a fenomenologia é o contexto dentro do qual a consciência é revelada, ocorre à nossa experiência e interpretação (BUTTIMER, 1982; ELIADE, 1971; GOMES, 2007; MELLO, 2005).

“A hermenêutica, uma outra filosofia do significado, utilizada pelos geógrafos humanistas, tem como precursor o alemão Wilhem Dilthey (1833 – 1911) que adicionou a este movimento filosófico – próximo da fenomenologia de Schutz – elementos da importância interpretativa” (MELLO, 1991, p. 41). A origem do termo se situa na antiguidade, inspirada na mitologia grega de Hermes, deus da comunicação, encarregado de trazer as mensagens do Olimpo (GOMES, 2007). Utilizada originalmente pelos antigos teólogos como metodologia própria à interpretação da Bíblia, o termo passou posteriormente a designar todo esforço de interpretação científica de um texto difícil que exige uma explicação. Contemporaneamente, a hermenêutica constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos, sendo fundamental em todas as humanidades e em todas as disciplinas que se ocupam com a interpretação das obras dos homens (ABBAGNANO, 2007; JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006; PALMER, 1970).

“Na hermenêutica”, como na fenomenologia, “não há separação entre sujeito e objeto”. Assim sendo, esta “filosofia interpretativa tenta explicar os conteúdos da mente e outros aspectos da experiência vivida” em meio a intuições, onde os indivíduos e grupos sociais não são dissociados de sua base territorial experienciada. Cabe ao geógrafo esclarecer o significado dos conceitos, símbolos e aspirações, à medida que tudo isso está atrelado ao espaço e ao lugar. Ou seja, “o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência, ambigüidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente” (MELLO, 1991, p. 42).

Vale ressaltar que “as fronteiras entre fenomenologia e hermenêutica não são muito rígidas”. Assim sendo, “vários geógrafos humanísticos – entre eles Tuan, Buttmer, Lowenthal e Relph – embora se classifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento hermenêutico de forma inconfundível” (MELLO, 1991, p. 42). Seguindo esta vertente, o presente estudo se esforça no intuito de tentar traduzir as geografias

pessoais (individuais e coletivas) de Ilha de Guaratiba, utilizando para isso os pressupostos filosóficos aqui apresentados.

Pressupondo que os indivíduos e grupos sociais não são distintos de seus lugares vividos, em meio à indissociabilidade fenomenológica entre sujeito objeto, e que cada pessoa possui uma geografia individual, sendo assim uma espécie de geógrafo informal, nosso objetivo a partir daqui é decodificar as experiências vividas dos guaratibanos, tecidas ao longo do tempo em sua base territorial comum, em uma tentativa de abordar as transformações espaciais e existenciais em Ilha de Guaratiba (BUTTNER, 1982; COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982).

Por meio de entrevistas informais por nós efetivadas, antigos e novos residentes do lugar supra mencionado, expuseram nos relatos, seus enfoques particulares acerca das mudanças vigentes na área pesquisada, além das metamorfoses existenciais que esse fenômeno provocou. São esses relatos os alicerces que utilizaremos a seguir na abordagem do processo de transformações espaciais em Ilha de Guaratiba, onde por meio de sua leitura e interpretação, buscaremos elucidar a complexa dinâmica espacial e existencial da localidade, uma vez que o conceito de lugar aqui empreendido, pressupõe – indissociavelmente – forma e conteúdo, objeto e sujeito, presença e existência, os guaratibanos e sua base territorial experienciada.

Diante do exposto, pretendemos utilizar a fenomenologia e a hermenêutica almejando descortinar as geografias de outrora e contemporâneas do referido lugar, tendo como base as experiências vividas em Ilha de Guaratiba.

## **2 DESCORTINANDO GEOGRAFIAS PRETÉRITAS E HODIERNAS DE ILHA DE GUARATIBA**

Na vertente humanística, vale repetir, a distribuição espacial dos eventos e fatos sociais não representa o elemento determinante da pesquisa. O fundamental para os geógrafos deste horizonte é a existencial maneira de viver das pessoas nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo experiências (CLAVAL, 2001).

Apesar desta constatação, acreditamos que, em casos específicos, as metamorfoses espaciais são responsáveis por uma gama de acontecimentos relevantes para a aura do lugar, influenciando direta ou indiretamente seus vivenciadores.

Em relação ao processo de mudanças espaciais que ocorre em Ilha de Guaratiba há algumas décadas, verificamos, no seu transcorrer, a construção de símbolos de outrora e hodiernos – materiais e imateriais – que estreitam ainda mais a relação do guaratibano com seu universo vivido. Sendo assim, os diferentes contextos geográficos que serviram de pano de fundo para as experiências vividas no lugar em foco não poderiam ser deixados de lado, motivo pelo qual decidimos por sua explanação.

Nessa trilha, este capítulo aborda a marcha urbanizadora de Ilha de Guaratiba no entendimento de seus moradores – de sua gênese aos dias atuais – a começar pelo contexto rural-agrícola de outrora.

### **2.1 A pretérita estrutura rural-agrícola**

Os escritos compilados pelo saudoso Rivadávia Pinto, exímio historiador do recorte espacial em questão, constituem um acervo relevante a respeito da história de Ilha de Guaratiba. Após o aludido pesquisador ser vitimado por um acidente automobilístico, sua obra passou às mãos de seu sobrinho, Nilson Pinto, 52 anos, a quem nos dirigimos a fim de situarmos temporalmente a espacialidade pretérita do lugar mencionado.

Embasado nas pesquisas de seu tio, Nilson nos assegura que os registros da história de Guaratiba remontam a 1579, anos após a fundação da cidade de São

Sebastião do Rio de Janeiro (PINTO,1986). Segundo este artigo, o lugar era habitado pelos índios Tupi-Guaranis. A rotina destes só veio a ser alterada com a chegada de Manoel Velloso que junto com a esposa, Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, veio morar na recém constituída sesmaria de Guaratiba com sua família e, a partir de então, passou a construir e administrar engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação (PINTO, 1986).

Por meio de sua fala, Nilson relata que, nessa época, a expansão de Guaratiba fazia-se rapidamente, graças ao trabalho árduo dos descendentes de Velloso. Ao final do século XVIII muitos engenhos multiplicavam-se, dentre eles o Engenho Novo, o Engenho de Guaratiba e o Engenho do Morgado, hoje alambique dos mudinhos, outrora pertencente ao padre João Pereira de Cerqueira. Para escoar a produção, abriu-se caminho mangue adentro, uma vez que o Rio do Portinho precisava ser desobstruído a fim de conferir suporte a esta demanda. Em Pinto (1986) há relatos sobre o naufrágio de alguns barcos no referido rio, quando era escoada a produção de açúcar do Engenho do Morgado.

Nilson que, além de ativista ambiental é também pescador, nos mostrou nas dependências de seu escritório improvisado, um texto datilografado por seu tio que remontava à época em que o trabalho nos antigos engenhos do lugar era desenvolvido por escravos, a maioria deles fornecidos pela família Breves, residente na Restinga da Marambaia. De acordo com esse texto, pode-se dizer que a partir da descoberta do ouro e do diamante, a mão-de-obra escrava foi deslocada para as minas e o cultivo de cana-de-açúcar foi aos poucos declinando. Ainda no século XVIII, a cultura cafeeira também incidiu sobre o local, principalmente nas encostas da Serra Geral de Guaratiba. Nesse contexto, o café provocou uma verdadeira devastação nas matas do Rio de Janeiro e, particularmente, em Guaratiba, onde ainda hoje se verifica nas encostas dos morros, espécimes isolados oriundos dessa época. O apogeu e o declínio das riquezas dos setores canavieiro e cafeeiro introduziram no local especificidades e particularidades que lhe imprimiram características que persistem até hoje (PERFIL DE GUARATIBA, 2005).

O local em foco, se caracterizou como um dos últimos remanescentes rurais do município do Rio de Janeiro. A habilidade dos guaratibanos no trato com a terra fez de

Ilha de Guaratiba, durante décadas, um verdadeiro “cinturão verde”, grande produtor de frutas, verduras e hortaliças. Os alimentos produzidos eram vendidos no CEASA, no próprio local de cultivo e, principalmente, nas feiras livres espalhadas pelo Rio de Janeiro. Em Ilha de Guaratiba, o dia do descanso semanal era a segunda-feira, pois no domingo, o dia era de feira (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

Para entendermos melhor a disposição dos elementos e a rede de relações que constituíam a pretérita estrutura rural-agrícola do referido lugar, recorreremos às experiências vividas por um dos moradores mais antigos de Ilha de Guaratiba, que nos passou o seguinte relato: Em suas palavras,

entre as décadas de 1930 e 1940, Ilha de Guaratiba era um grande laranjal, com exceção dos morros, onde predominava a banana. Eu trabalhei em diversas fazendas que naquela época produziam laranja que era exportada para os Estados Unidos. No entanto, com o desenrolar da Segunda Grande Guerra, a exportação do produto decaiu bastante. Por conta disso, o apodrecimento das frutas nos pés originou uma praga que deu início a um processo de decadência dessa cultura. No pós-guerra, a laranja aqui produzida deixou de ser exportada, passando a ser comercializada apenas no CEASA e nas feiras livres. Nesse ínterim, muitos laranjais foram sendo substituídos por hortas e pelo cultivo de outros produtos como mamão, legumes e verduras, iniciando assim um processo de diversificação da produção agrícola tendo em vista o comércio interno desses produtos. Nessa época, os bondes saíam daqui lotados de produtos da roça (legumes, verduras e frutas), tudo pra Campo Grande, onde era vendido.

Com 87 anos de idade e de experiências vividas em seu lugar, o guaratibano Mário Sardinha pode ser considerado uma enciclopédia viva que muito tem a nos revelar sobre o passado agrícola de Ilha de Guaratiba. Esbanjando simpatia e orgulho em relatar sobre seu vínculo com o lugar, quando no mesmo ainda vigorava uma estrutura agrícola, o Sr. Mário – que foi agricultor, feirante e produtor de ornamentais em períodos distintos – oferece uma idéia de como era o local estudado durante este período. No início de sua fala, o citado morador se reporta aos grandes laranjais que predominavam na referida espacialidade na primeira metade do século XX. Nestes termos, qualificando as palavras do Sr. Mário, consideremos livremente as elucubrações de Abreu (2008) quando frisa que a produção citrícola agiu como grande freio à onda loteadora até a primeira metade do século passado, impedindo que alguns municípios da Baixada Fluminense e bairros da Zona Oeste tradicional do Rio de Janeiro fossem atingidos pela febre imobiliária de então. Entretanto, com a eclosão do

conflito mundial, as exportações entraram em colapso, pois toda a laranja era exportada em navios frigoríficos estrangeiros, que não mais aportavam no Rio de Janeiro. Ademais, a falta de armazéns frigoríficos e o transporte rodoviário deficiente das chácaras para a ferrovia conduziram ao apodrecimento das frutas nos pés, originando uma praga citrícola que dizimaria grande parte das plantações. Ao findar a guerra, com a produção não atendendo mais ao mercado interno, a exportação da laranja foi proibida, conferindo o golpe de misericórdia nos que conseguiram conservar seus laranjais durante a crise. A partir de então, os laranjais foram substituídos pelos loteamentos em municípios como Nova Iguaçu e em bairros como Campo Grande.

Essa marcha urbanizadora, no entanto, não ocorreu em Ilha de Guaratiba, uma vez que muitos de seus laranjais foram mantidos para atender a demanda interna, como bem salientou o Sr. Mário, e os demais foram substituídos por uma diversificação de culturas agrícolas que passou a caracterizar o lugar como um verdadeiro cinturão-verde – grande produtor de hortifrutigranjeiros – que passaram a ser comercializados nas diversas feiras-livres da cidade (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

## 2.2 A decadência das feiras-livres

O relato do Sr. Mário, esboçado no tópico anterior, nos remete à estrutura agrícola de Ilha de Guaratiba de outrora e sua dependência em relação às feiras-livres que, a partir da década de 1950, passaram a representar uma espécie de âncora para muitos guaratibanos, sendo responsável pela manutenção da produção agrícola do lugar. Sobre esta modalidade varejista, vejamos o que tem a nos informar Evanir de Souza (76 anos de idade):

Na época áurea das feiras-livres, iniciou-se aqui na Ilha um torneio de futebol chamado “ruim de bola” que acontecia toda segunda-feira. O bairro todo participava dessa grande festa semanal, mas seus organizadores eram os antigos produtores, que eram também feirantes. Só a partir de terça-feira a semana começava, pois na segunda era feriado por aqui. Como a principal feira da maioria dos produtores acontecia no domingo, decretou-se no lugar a segunda-feira como o dia do descanso semanal, uma vez que nesse dia ocorriam poucas feiras pela cidade e o movimento de fregueses era pequeno. De terça a

sábado, era necessário dar duro na roça a fim de garantir mercadoria para mais uma semana de feiras.

Até a década de 1980, ser feirante em Ilha de Guaratiba era símbolo de status. Todavia, a decadência das feiras-livres rompeu radicalmente com o modo de viver de boa parte dos guaratibanos. O início desse processo ocorreu devido ao encarecimento dos implementos agrícolas e a posterior invasão de produtos vindos de outras regiões do estado, como Petrópolis e Nova Friburgo, e até mesmo de São Paulo. Consequentemente, muitos dos feirantes da localidade deixaram de produzir o que vendiam, tornando-se feirantes atravessadores, uma vez que passaram a comprar no CEASA os produtos que seriam posteriormente revendidos por eles nas feiras-livres.

O golpe de misericórdia na feira livre e naqueles que dela dependiam foi dado pelo advento dos sacolões, uma vez que essa espécie de quitanda popular recebia produtos com preços que representavam uma concorrência desleal para nós, feirantes-produtores.

O autor do supra-citado relato, antes de migrar para o ramo paisagístico, foi produtor rural e feirante. Mesmo sendo um pouco mais jovem que o Sr. Mário, Evanir de Souza vivenciou parte do apogeu da feira-livre, bem como seu processo de esvaziamento. Durante seu depoimento, foi possível captar uma atmosfera nostálgica quando se reportava aos áureos tempos em que a estrutura do lugar baseava-se em uma relação mais estreita com a terra e com as pessoas. Do mesmo modo, notamos sua frustração quando, ao final, fez menção à decadência do referido comércio. Trata-se, pois, da força inexorável do chamado progresso.

Na concepção de Mascarenhas (1991, p. 1)), “a feira-livre consiste em modalidade periódica de comerciantes varejistas” que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, utilizando para isto a via pública, dependendo portanto de concessão da municipalidade para temporariamente se apropriar dos logradouros (p. 12). Assim sendo,

o feirante não é proprietário da fração espacial que utiliza, ao contrário do comércio tradicional. Ele apenas adquire, em caráter provisório, o direito de usufruir daquele espaço em dias da semana e horários preestabelecidos pelo poder público, para expor determinados produtos (MACARENHAS, 1991, p. 13).

Amplamente dispersa pela cidade do Rio de Janeiro, a feira-livre vem desempenhando, ao longo do tempo, um importante papel no abastecimento urbano, sobretudo no setor alimentar (verduras, legumes, frutas e pescado). Dos bairros de elite da Zona Sul aos subúrbios da Zona Oeste, essa reunião periódica encontra-se integrada ao cotidiano da vida social carioca. A partir da década de 1970, no entanto,

uma nova modalidade de varejo entra em cena: os supermercados. Sua rápida expansão na cidade inaugura um período de forte concorrência com os tradicionais mercados periódicos, comprometendo seu desempenho e modificando radicalmente sua distribuição espacial (MASCARENHAS, 1991).

Segundo informações do departamento de feiras-livres (RIO-FEIRAS), órgão da Secretaria Municipal de Fazenda, encarregado de administrar as feiras da cidade, existiam em 1989 nada menos que 206 feiras-livres funcionando nos mais diversos pontos da malha urbana, em diferentes dias da semana. Naquele ano, feirantes encontravam-se devidamente matriculados na municipalidade, havendo, do mesmo modo, clandestinos. Junto a esses, ajudantes e outros auxiliares compunham o universo da feira livre carioca (MASCARENHAS, 1991).

Hodiernamente, persistem 182 feiras livres espalhadas em toda a cidade, empregando diretamente feirantes devidamente licenciados e garantindo a sobrevivência indireta de outros. Ademais, as feiras-livres ainda movimentam considerável volume de mercadorias, sendo o pescado (40%) e os hortifrutigranjeiros (42%) os produtos mais vendidos nessa tradicional reunião periódica que faz parte da identidade do povo carioca (MASCARENHAS, 1991; RIO-FEIRAS).

Retornando ao relato de Evanir de Souza, podemos constatar que a aura do lugar privilegiava a agricultura, onde a maioria das terras cultiváveis era utilizada por seus proprietários – notadamente pequenos e médios produtores agrícolas – para produzir frutas, verduras e legumes que eram comercializados em grande parte nas feiras livres localizadas em bairros distintos. A atividade agrícola, voltada para esse comércio varejista, possibilitava aos produtores de Ilha de Guaratiba uma espécie de auto-sustentação, conferindo suporte, durante muitas décadas, a essa atividade no local.

Assim como parcela significativa dos antigos guaratibanos, o autor desse texto foi também produtor e feirante, exercendo atividades na hoje decadente feira de Paciência, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. A referida feira-livre, que hoje não consta na relação oficial da RIO-FEIRAS, era o sustentáculo econômico para muitos dos produtores e feirantes de Ilha de Guaratiba. Até o final da década de 1980, impressionava a multidão de fregueses que irrompia aquele mercado provisório logo ao



amanhecer. O café ou lanche precisava ser ingerido às pressas e bem cedo porque após as 7 da manhã não havia tempo para mais nada, a não ser para atender o corre-corre da freguesia até as 13 horas, onde – muitas vezes – não havia mais mercadoria para vender. Os feirantes que ali trabalhavam, em sua maioria, moravam em Ilha de Guaratiba.

Em trabalho de campo realizado em agosto de 2009, pudemos constatar com notoriedade, a decadência da feira de Paciência. Das centenas de barracas existentes no período acima descrito, restaram poucas dezenas – não necessariamente os mesmos, uma vez que não reconhecemos nenhum dos atuais feirantes. Os milhares de populares que faziam a alegria dos comerciantes, reduziram-se a poucas centenas, isso no horário de maior movimento.

No mesmo mês, visitamos também a feira de Campo Grande, esta devidamente cadastrada na RIO-FEIRAS. Apesar das visíveis mudanças, como a venda de produtos eletrônicos, vestuário e quinquilharias em setores distintos, observamos nesta feira alguns sinais de vitalidade, com expressiva frequência e a existência de várias barracas de pescado. Segundo Mascarenhas (1991), as barracas de peixe estão para as feiras-livres assim como as lojas-âncoras estão para os shopping-centers. Esse fato talvez explique o sucesso da atual feira de Campo Grande em comparação à de Paciência, que mesmo em seus bons tempos, não possuía barracas de pescado.

A decadência das feiras livres, iniciada com o advento dos supermercados a partir da década de 1970 (MASCARENHAS, 1991), e agravada pela proliferação das quitandas populares (sacolões) por toda a cidade a partir de 1990 (FERNANDES, 2006), deixou a maioria dos produtores agrícolas de Ilha de Guaratiba sem mercado consumidor para seus produtos, fazendo com que esta atividade ruísse vertiginosamente no local. Daí em diante, todo o lugar começou a mudar, desde sua paisagem e configuração espacial, até as pessoas e seu modo de viver.

Apesar das transformações decorrentes da crise da pretérita Ilha de Guaratiba – representada pelas antigas atividades econômicas – muitas marcas do passado do lugar ainda resistem. Exemplo disso é o futebol que persiste em acontecer no mesmo dia da semana (segunda-feira), mantendo o mesmo nome de antes (ruim de bola). A diferença é que hodiernamente participam deste torneio empresários e comerciantes do

lugar, e não mais agricultores e feirantes, como em outrora. Outra marca do passado é representada por alguns agricultores que até hoje tentam resistir, persistindo com suas tradicionais plantações de verduras e legumes. Outros produtores, no entanto, passaram a produzir plantas ornamentais nas terras antes destinadas à agricultura. Esse foi o caso de Evanir de Souza, que após ter vivenciado a decadência da feira-livre e da agricultura local, tornou-se paisagista por meio da influência de Burle Marx – com quem trabalhou – sendo hoje um dos maiores produtores de plantas ornamentais do Rio de Janeiro, proprietário do Horto Rio Verde (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

### 2.3 A influência de Roberto Burle Marx

Por outro lado, a conversa que tivemos com Evanir de Souza foi relevante, não apenas por nos ajudar a desvendar o geográfico contexto pretérito do lugar relacionado à sua agricultura e à sua relação com as feiras-livres. Evanir, como já foi dito, migrou da agricultura e da referida reunião periódica, para o ramo paisagístico e, conseqüentemente, para o comércio de ornamentais, sendo diretamente influenciado pelo paisagista Roberto Burle Marx, com quem trabalhou. Segundo o depoimento de Marlon, 35 anos, tal influência ocorreu como

um efeito cascata, uma vez que seus discípulos diretos, representados por aqueles que com ele trabalhavam, passaram a produzir ornamentais em suas propriedades, a fim de complementar a produção do Sítio, que não dava mais conta da demanda. Esses antigos aprendizes são hoje proprietários das maiores chácaras e hortos de Ilha de Guaratiba, influenciando assim produtores, jardineiros e paisagistas que hoje vivem dessa atividade.

Tentando elucidar a maneira como Ilha de Guaratiba e as pessoas do citado lugar têm sofrido a influência do prestigioso paisagista em questão, Marlon, funcionário e guia do Sítio Roberto Burle Marx, assevera que os muitos trabalhos de Burle Marx passaram a demandar uma grande quantidade de ornamentais, da qual seu sítio de produção não dava mais conta. Assim sendo, seus funcionários passaram a dar suporte a essa produção por meio do cultivo de plantas em suas, até então, ociosas propriedades. Segundo o mesmo depoimento, daí em diante, esses novos produtores floristas foram se tornando donos de seu próprio negócio e influenciando muitos a

mudarem de ramo e de vida. Mas tudo teria começado, segundo Marlon, a partir de Burle Marx.

Se estivesse vivo, Burle Marx faria 100 anos em agosto de 2009. Mas foi abatido por um câncer abdominal em junho de 1994, aos 84 anos. Ao morrer, deixou dois mil jardins projetados. Nascido em São Paulo e transferido com a família para o Rio em 1913, cresceu em um ambiente cercado de verde no Leme, onde desde garoto ajudava sua mãe a cultivar espécies no jardim da família. Estudante de arquitetura e pintura, o futuro paisagista seguia como artista plástico, até que o vizinho Lúcio Costa, admirado com as plantas que cultivava, o convidou para fazer o paisagismo de um de seus projetos. Foi assim que, em 1932, Roberto Burle Marx assinou seu primeiro jardim – para a casa da família Schwartz – em Copacabana, conferindo fama ao jovem de 23 anos. O último trabalho de Burle Marx, foi um projeto para Kuala Lumpur, na Malásia, que estava em sua prancheta quando morreu, sendo concluído pela equipe de seu escritório (CALSA, 1995; SÁ, 2008).

Para dar conta da grande quantidade de plantas que demandavam seus muitos jardins, em 1949, o referido paisagista adquiriu o antigo Sítio Santo Antônio da Bica – hoje Sítio Roberto Burle Marx – com mais de 35 mil metros quadrados, localizado aos pés da Serra Geral de Guaratiba, onde passou a produzir, ambientar e colecionar centenas de espécies ornamentais. Devido às muitas amizades que fez e à grande afinidade que possuía com o lugar, além da necessidade de estar mais próximo de seu trabalho, Burle Marx mudou-se em definitivo para Guaratiba em 1973, intensificando assim sua influência sobre o local (CALSA, 1995; SÁ, 2008).

Da mesma forma como a produção de hortifrutigranjeiros substituiu a citricultura após sua crise nos anos 1940/1950, garantindo a aptidão agrícola dos guaratibanos, a floricultura – principalmente após 1990 – vem substituindo as tradicionais roças de Ilha de Guaratiba. Esse fenômeno, no entanto, não seria tão bem sucedido não fosse o prestígio de Roberto Burle Marx, que nas palavras de Marcelo Paes Costa, 41 anos, representou um marco,

um divisor de águas entre uma segmentação econômica (a agricultura) e outra (o paisagismo). Nesse aspecto, Ilha de Guaratiba foi uma coisa antes dele e outra depois dele. Os hortos mais antigos do local começaram a ganhar visibilidade depois que Burle Marx começou a difundir Guaratiba pela cidade. Ilha é hoje um

grande pólo produtor de plantas ornamentais, conhecido até fora do estado, graças a ele.

Como a maioria dos moradores de Ilha de Guaratiba, Marcelo não questiona a importância do eminente paisagista para o lugar. Para Chel, como Marcelo é carinhosamente conhecido, a transição da agricultura para a floricultura e o paisagismo só foi possível devido à mediação de Burle Marx.

Além de ter possibilitado uma alternativa viável de trabalho à comunidade guaratibana, Burle Marx é uma das principais referências da localidade, sendo constantemente lembrado. Exemplo disso é a adoção de seu nome pelo maior colégio do local e a substituição do nome da antiga estrada da Barra de Guaratiba, que passou a se chamar Estrada Roberto Burle Marx. Apesar da indiscutível influência de Burle Marx sobre o lugar, pessoas que conviveram diretamente com o paisagista, relatam que as influências foram recíprocas:

Trabalhei diretamente com o Burle Marx durante 13 anos (de 1982 a 1994). Na verdade eu morava na Tijuca e trabalhava no escritório dele em Laranjeiras. Eu frequentava o sítio apenas quando tinha alguma festa, isso em 1982, quando conheci esse lugar e passei a trabalhar aqui. Ele gostava tanto desse lugar que passou a divulgá-lo em todo canto. Por onde ia, falava de Guaratiba. Ele se mudou do Leme pra cá por causa dessa afinidade que possuía com a localidade e principalmente com o sítio, de onde só saía em casos extremos.

Dentre as pessoas que conviveram diretamente com Burle Marx está o paisagista Luiz Alberto, 47 anos. Em seu depoimento, Lula faz questão de salientar sobre a forte relação de afetividade e apego emocional de Burle Marx para com Guaratiba, o lugar que escolheu para trabalhar, morar e viver.

Por ser apaixonado pela natureza e pelo bucolismo de suas paisagens, Burle Marx – que também era pintor – escolheu Ilha de Guaratiba para viver, trabalhar e produzir suas telas, utilizando seu belíssimo cenário como pano de fundo e inspiração. Foi assim que esse eclético artista produziu centenas de pinturas, magnetizado pela beleza cênica do lugar que escolheu como âncora e também para viver suas experiências (SÁ, 2008; TUAN, 1980; 1983).

A despeito de manter a função primeira da terra, a produção de ornamentais está comprometida com uma nova estrutura que se delinea na localidade, relacionada ao

mercado imobiliário. Atualmente, sua principal função é o suprimento da demanda crescente dos condomínios e construtoras que têm no “paisagismo fetiche” uma de suas estratégias para a transformação da terra em mercadoria imobiliária. Em Ilha de Guaratiba, no entanto, esse processo especulativo teve seu marco na década de 1970 através, inicialmente, da aquisição de sítios e terrenos que deram origem às primeiras residências secundárias da localidade.

#### 2.4 A especulação imobiliária e as residências secundárias

Uma outra abordagem sobre Ilha de Guaratiba nos é passada pelo médico José Humberto Resende, 61 anos, que como muitas outras pessoas, foi alvo da especulação imobiliária fomentada a partir da década de 1970, tornando Ilha de Guaratiba um dos locais mais procurados por aqueles que desejam fugir momentaneamente da agitação metropolitana, como ele mesmo salienta:

Cheguei aqui em Ilha de Guaratiba em 1976, quando adquiri esta residência. Escolhi passar as férias e finais de semana aqui por ser um lugar tranquilo, aconchegante e com a Mata Atlântica ainda muito preservada em relação a outros locais da cidade. Como médico, sempre nutri um desejo por criar um lugar onde pudesse estudar e relaxar, pois em Copacabana, onde moro, isso é impossível. Por isso mesmo, a casa que fiz aqui é permanente. Embora permaneça durante a semana em Copacabana devido ao trabalho, é esse o lugar que escolhi pra viver com minha família.

Por meio de seu depoimento, o referido médico explicita os motivos que o levaram a adquirir uma segunda residência em Ilha de Guaratiba. Dentre as razões que interferiram em sua escolha, são citados os atributos naturais, associado ao bucolismo e a tranquilidade – contrapondo-se à agitação do bairro onde reside permanentemente. Relacionando o fenômeno da aquisição das residências secundárias à análise do processo de urbanização do Rio de Janeiro, não há como desconsiderar a atuação do capital especulativo imobiliário no processo de produção de moradia, sendo este um dos grandes responsáveis pelo espraiamento da malha urbana carioca (ABREU, 2008; RIBEIRO, 1997). Neste contexto, Ribeiro e Coelho (2007) nos apontam para o

surgimento das novas formas de morar dirigidas pelo capital imobiliário às classes de maior poder aquisitivo, que por sua amplitude no meio urbano, tem contribuído para a reestruturação espacial e expansão das metrópoles. Como exemplos materializados espacialmente, podemos citar os condomínios residenciais. No entanto, essa lógica relacionada à produção do espaço urbano, muitas vezes, inicia-se a partir do processo de aquisição de residências secundárias pelas classes economicamente privilegiadas, como nos aponta Assis (2003) para um contexto geral e Fernandes (2003; 2006; 2009) para um contexto específico, baseando-se no processo de urbanização de Iha de Guaratiba.

Em sua pesquisa sobre a expressão espacial do fenômeno da segunda residência, o geógrafo Lenilton Francisco de Assis se preocupa em tentar elucidar as principais causas do evento espacial em pauta, esclarecimento que coincide com o relato esboçado anteriormente por José Humberto. Em sua análise sobre as repercussões espaciais do fenômeno da segunda residência, Assis (2003) salienta que, a partir do processo de metropolização de certas cidades, cada vez mais se fazia necessário que o homem urbano saísse das áreas centrais super povoadas em direção às periferias metropolitanas na busca do reencontro com a natureza. Essa era uma forma de aliviar os estresses cotidianos e renovar suas energias. O espaço urbano, que outrora fora o centro de atração das habitações e do homem do campo em busca de trabalho, agora, apesar de concentrar diversas funções, leva seus moradores a buscar novas áreas que lhes ofereçam as condições necessárias para uso do tempo livre em contato com a natureza. Assim sendo, devido à proximidade das áreas centrais, as periferias metropolitanas passaram a ser os principais alvos dos especuladores imobiliários que procuravam valorizar os atributos naturais e culturais desses espaços, ofertando-os aos segmentos sociais específicos que dispunham de renda excedente para adquirir uma residência secundária.

Assis (2003) propõe ainda que o fenômeno da segunda residência é um dos responsáveis pelo processo de urbanização da periferia, uma vez que determinado capital migra para as áreas periféricas, materializando-se por meio de imóveis que passam a representar também uma reserva de valor imobiliário. Ao pressupor a disponibilidade de uma renda excedente, a residência secundária deixa de ser apenas

uma alternativa de lazer, passando a ser também uma opção de investimento. A partir do momento em que a segunda habitação passa a agregar também um valor de troca, entra em cena o maior responsável pela transformação do espaço periurbano: o especulador imobiliário. Este, por meio de propagandas insidiosas, tem por objetivo a transformação dos atributos naturais e das amenidades da periferia metropolitana em verdadeiros chamarizes residenciais, como podemos ver abaixo em relação à especulação imobiliária em Ilha de Guaratiba:

Enfim, chegou sua vez de viver no paraíso! Aqui na Terra mesmo. Gambás e preás aos montes atravessam desconfiadas o asfalto. Bois caminham sem pressa, em fila indiana, rumo aos pastos. Saguis em penca fazem macaquices nos galhos das árvores. Garças e patos selvagens, em sua leveza, desenvolvem coreografias cênicas sobre lagos e córregos em vôos espetaculares. Assim é a vida por aqui. Parece que o tempo parou. É sem dúvida o novo Recreio! A diferença é que aqui você ainda negocia com caipiras decentes a preços baixos. Mini-sítios para você morar junto ao bom e ao melhor, “longe e perto” de áreas caras e saturadas (FERNANDES, 2006, p.42).

Na citação acima, extraída de um folder publicitário (J. Brandão Negócios Imobiliários), o que mais nos chama a atenção é a ênfase conferida aos atributos naturais do lugar, onde o mesmo é vendido como um verdadeiro paraíso, perdido em meio à metrópole carioca. Esta propaganda imobiliária do início dos anos 1980, revela a gênese de uma prática muito comum nos dias atuais, mas com uma diferença bastante significativa: o romantismo que o citado anúncio nos tenta passar justifica-se pela conjuntura do lugar naquele momento. Na realidade, nesse período, Ilha de Guaratiba não passava de uma localidade caracterizada pelas atividades rurais – pautadas, principalmente, na agricultura, e nos muitos sítios – como o do Dr. Humberto – visitados por seus proprietários nos momentos de lazer. Era o típico fim-de-semana na roça. Assim sendo, esse tipo de anúncio tinha como público alvo, pessoas interessadas em adquirir uma área relativamente grande, onde pudessem construir um sítio que, na maioria dos casos, abrigava também uma habitação secundária. No entanto, a partir do início dos anos 1990, novas agências imobiliárias começam a oferecer às camadas privilegiadas economicamente um produto diferenciado em relação ao oferecido por seus precursores. As habitações secundárias, aos poucos, começam a ceder lugar aos condomínios onde a habitação passa a ser permanente.

Retornando à abordagem de Assis (2003), quando o mesmo se debruça sobre o processo de transformação da segunda residência em habitação permanente, o referido geógrafo explica que na última fase deste processo, o perímetro original é absorvido pela expansão metropolitana, formando, agora, uma parte da própria cidade, ao passo que as segundas residências anteriores são metamorfoseadas em residências permanentes. Atualmente, em Ilha de Guaratiba, é cada vez maior o número de pessoas que optam por residir em suas antigas residências secundárias. Além disso, famílias, oriundas sobretudo do eixo Recreio-Barra-Zona Sul, têm encontrado no lugar uma qualidade de vida satisfatória, considerando-se suas vantagens locais, como preços relativamente baixos, disponibilidade de terra, atributos da paisagem, ínfimos índices de criminalidade, entre outras. Esses últimos, no entanto, representam uma nova modalidade de residentes: aqueles que optam pelos condomínios horizontais.

Apesar de simbolizar uma nova dinâmica espacial em Ilha de Guaratiba, o fenômeno da produção de moradia – em uma escala de análise mais ampla – revela, como aponta Ribeiro (1997, p.199), a continuidade do processo de expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro:

A partir da segunda metade do século XIX, especialmente depois de 1870, a cidade do Rio de Janeiro sofre importantes transformações urbanas geradas pela ação de um conjunto de capitais que passam a investir sobre o espaço urbano. Entre eles, o que poderíamos chamar de capital imobiliário, aplicado na produção de moradias para aluguel e na compra, parcelamento e venda de lotes de terra anteriormente utilizados para fins agrícolas...

No caso específico de Ilha de Guaratiba, a desarticulação da estrutura rural-agrícola, anterior ao processo de consolidação do lugar como reserva de valor imobiliário, desencadeou um processo de transformação espacial que vem mudando sua feição espacial. Considerando que cada local combina variáveis de tempos diferentes (SANTOS, 1997), no lugar estudado, percebemos a existência de elementos representativos de fases anteriores ao processo de mudança em questão que ainda resistem em meio às inovações. Como exemplos, podemos citar alguns resquícios das atividades rurais do passado e a persistência de muitos sítios que ainda são utilizados



como opção de lazer nas férias e nos finais de semana (segunda residência). Uma vez que o processo é a ação contínua que implica tempo, continuidade e mudança (SANTOS, 1992), entendemos que o fenômeno da segunda habitação representou a gênese da metamorfose pela qual Ilha de Guaratiba passa. No bojo das residências secundárias, no início da década de 1990, começaram a surgir os primeiros condomínios residenciais, fruto da crescente valorização imobiliária promovida no lugar.

## 2.5 A valorização imobiliária e o advento dos condomínios

As vantagens comparativas do lugar, utilizadas como pano de fundo nas propagandas imobiliárias, foram expostas por Paulo César (42 anos) do seguinte modo:

A meu ver, o motivo preponderante da valorização imobiliária – responsável pela construção dos condomínios – e da conseqüente vinda de pessoas para cá, é a natureza e a tranquilidade. No entanto, esses não são os únicos fatores. Associado a isso, está a menor carga tributária (IPTU) em relação ao Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e a bairros da Zona Sul. Além disso, o fator proximidade também pode ser incluído nesse pacote, uma vez que estamos próximos a essas áreas. Embora tenhamos essa característica rural, estamos dentro de uma metrópole, que é a cidade do Rio de Janeiro. Ilha de Guaratiba permitiu às pessoas que para cá vieram, estar em um lugar agradável e pleno de amenidades, pagando um valor bem menor, em comparação à Barra e ao Recreio que é logo ali.

Como residente e profundo conhecedor de seu lugar vivido, Paulo César, ou Paulinho – como é conhecido – sintetiza as características da localidade, que para ele são preponderantes para a valorização imobiliária que culminou com a construção dos atuais condomínios na localidade. Paulino aponta os atributos naturais, a disponibilidade de terras, além da proximidade relativa da área central e de bairros dotados de sub-centros comerciais e de serviços como os principais fatores de valorização imobiliária que promoveram, tanto a aludida mobilidade residencial, quanto a conseqüente gênese dos condomínios que passaram a ser construídos para dar conta desse novo e crescente público. Mais que isso, o citado morador referencia uma carga tributária menor como estímulo para a migração rumo ao oeste.

Criado sobretudo nas áreas novas da metrópole dotadas de amenidades naturais, o condomínio exclusivo horizontal é o resultado de um processo de efetiva valorização fundiária e promoção imobiliária. Constituindo-se no “eldorado” para uma alta classe média oriunda, em parte, das antigas áreas nobres da cidade, os condomínios caracterizam-se pela auto-segregação de grupos sociais que, dispendo de renda, podem residir onde lhe aprouver. E a escolha da nova residência é influenciada pela maciça propaganda em torno das amenidades e do novo estilo de vida (CORRÊA, 1992).

Como fruto da crescente valorização imobiliária, na década de 1990, surgiram em Ilha de Guaratiba os primeiros condomínios residenciais. O local, que durante séculos foi pouco explorado, ao qual os populares diziam ter parado no tempo em relação a outras localidades do município do Rio de Janeiro, passa, então, a chamar atenção de um grande número de pessoas, em meio a inúmeros problemas metropolitanos. Seus domínios começaram a ser objeto de desejo no que tange a residir em um local pleno de amenidades, proporcionando aos que desejam fugir da metrópole, uma qualidade de vida compatível com seus anseios. Nesse sentido, vale repetir, os atributos do lugar como montanha, verde, tranquilidade, segurança, entre outros, são então utilizados como chamarizes para aqueles que almejam estar, paradoxalmente, próximo e distante da vida urbana, como o morador Paulo César aponta em seu depoimento.

Enquanto conversávamos com o Paulinho, percebemos que o mesmo não conseguia se dissociar do lugar. Em frases como ‘nós estamos’ e ‘embora tenhamos’, esse guaratibano apaixonado por seu mundo vivido, expressa em meio a uma explícita introjeção, que não há separação entre ele e seu lugar, como preconizam, Buttimer (1982); Lowenthal (1982); Cosgrove (2004) e Tuan (1983).

Como exposto anteriormente, a gênese da corrida em direção ao aludido “paraíso perdido” no interior da metrópole, ocorreu quando vários proprietários de segunda residência passaram a residir permanentemente no local. Esse fenômeno chamou a atenção de alguns especuladores imobiliários, que passaram a explorar os encantos da localidade em suas propagandas publicitárias. Esse tipo de ativismo especulativo persistiu durante a primeira metade da década de 1990, aumentando

assim a demanda por imóveis em uma escala onde as antigas propriedades, como os sítios e mini-sítios, não davam mais conta. Começaram a surgir então os primeiros condomínios residenciais horizontais, sendo estes construídos em áreas planas do local, sobretudo na planície da maré, por meio de intensos aterramentos de manguezais e canais aluviais.

Desde a instalação dos primeiros condomínios no subespaço particular, denominado genericamente sub-bairro (SOUZA, 2004), a valorização imobiliária é crescente. A cada dia que passa, morar no sub-bairro fica mais dispendioso e difícil, principalmente nos condomínios que, com raríssimas exceções, representa uma opção apenas para pessoas oriundas de áreas valorizadas como Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e bairros da Zona Sul. Esse fato se justifica pelo alto valor conferido aos terrenos, sendo acessível apenas a classes privilegiadas economicamente que, em grande parte, residem em áreas valorizadas da cidade.

Por ser um tipo de empreendimento que necessita de grande extensão, e sendo erguidos sobre áreas de preservação ambiental, os condomínios residenciais horizontais, além de representar o pilar de uma nova tendência urbano-residencial, figuram como os maiores responsáveis pela reprodução de inúmeros impactos ambientais. Uma vez que a infra-estrutura que poderia dar um melhor suporte ao processo de urbanização na área estudada inexistente, a degradação ambiental passa a denotar uma preocupação constante para muitos guaratibanos.

## **2.6 A hodierna tendência urbana e os impactos ambientais**

Ao atingir sua meta, trazendo para a localidade muitas famílias oriundas de outros bairros da cidade, as investidas dos promotores imobiliários fomentaram também, no bojo desse fluxo, uma verdadeira metamorfose espacial, considerando que essa mobilidade pressupunha mudanças estruturais para abrigá-la. Assim sendo, aos poucos, a natureza foi cedendo lugar aos empreendimentos imobiliários, estes promovendo uma série de impactos ambientais, um problema rechaçado por vários guaratibanos, como a professora Maria Elena (67 anos) e o paisagista Marlon (35 anos) em seus depoimentos transcritos a seguir:

Quanto maior a população em um lugar, maior a poluição, maior a quantidade de lixo, maior a contaminação dos rios, antes, povoados por lagostas, caranguejos e peixes. Na mata também encontrávamos preguiças, tamanduás, capivaras e outros bichos. Hoje, no entanto, muito dessa riqueza já não existe mais, havendo ainda o risco de perdermos o pouco que sobrou (MARIA ELENA).

O lado ruim de todo esse processo de valorização imobiliária e urbanização, é a ausência de infra-estrutura básica. Sem um necessário planejamento urbano, esse crescimento pode representar um risco muito grande para aquilo que o lugar tem de melhor: a sua natureza. A inexistência de esgotamento sanitário tem contaminado os rios e o lençol freático. O desmatamento nas encostas e o aterramento dos manguezais têm sido constantes, contribuindo ainda mais para a degradação ambiental (MARLON).

Mesmo distintos em alguns aspectos, tanto o relato da Maria Elena quanto o do Marlon evidenciam a preocupação desses moradores em relação aos impactos à natureza do lugar, causados pela implementação dos novos empreendimentos imobiliários e pelo incremento populacional. No entanto, enquanto a professora salienta apenas sobre os riscos advindos dos impactos produzidos por esse aumento no número de residentes, o paisagista enfatiza, igualmente, a ausência de um suporte infra-estrutural que, se existisse, poderia minimizar os citados abalos ao meio físico-natural, que segundo ele, é o que o lugar tem de melhor.

Pertinente aos sentimentos e sensações dos indivíduos e grupos sociais em relação a uma agressão ao seu mundo vivido, exemplificados pela apreensão demonstrada pelos referidos vivenciadores de Ilha de Guaratiba em relação às agressões ao seu meio ambiente comum, podemos deduzir, com base em Tuan (1980), que os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas humanos. O referido pensador, certamente, baseia-se na visão totalizante, compartilhada também por Corrêa (1992), que inclui o elemento humano em sua conceituação de meio ambiente. Contudo, tanto em meio à introjeções, quanto em relação à abordagem da geografia humana que privilegia o homem, incluindo-o em suas investidas, é inegável também que toda ação humana sobre a natureza, (re)produz impactos ambientais (DREW, 2002).

Ampliando a escala de análise em torno da relação entre o crescimento urbano e os impactos causados à natureza, é interessante nos reportar ao emblemático processo de consolidação da metrópole carioca que, comprimida entre o mar e a montanha,

ladeada por praias, restingas, baixadas pantanosas e florestas, teve seu crescimento forjado na luta pelo espaço e na superação das distâncias, geradas por esse mesmo crescimento, frente às condições especiais do seu meio físico (GALVÃO, 1992).

Apertado entre a montanha e o mar, o Rio de Janeiro teve nesses elementos naturais, os grandes balizadores da sua expansão(...).

O desenvolvimento da tecnologia permitiu que esses obstáculos fossem gradualmente sendo vencidos, possibilitando que a cidade passasse a incorporar, na sua malha construída, espaços que outrora eram considerados impróprios ou improváveis à ocupação urbana (ABREU, 1992, p.54).

Dentre os espaços considerados impróprios ou improváveis ao espraiamento da malha urbana carioca, estavam, além dos maciços e montanhas citadas por Abreu, também os canais aluviais, áreas de restingas, bem como manguezais e florestas. Todos estes antigos fatores limitantes, no entanto, não representaram empecilho ao crescimento metropolitano. Sendo assim, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a organização do espaço urbano carioca. Com o crescimento da cidade, houve a necessidade de rompimento das elevações com a perfuração de túneis desde 1887 (CARVALHO, 2002). Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca. Nas últimas décadas, o Rio cresce em direção a planície de Guaratiba (FERNANDES, 2006; LESSA, 2001), em meio ao receio de seus residentes com a consequente deterioração dos biosistemas naturais que caracterizam seu lugar.

As preocupações do Marlon e da Maria Elena, representando a coletividade do referido lugar, se justifica, pois, sendo uma área de baixada com um verde amplo e exuberante, cercada em grande parte pelo Maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), Ilha de Guaratiba tem como marcas mais importantes sua belíssima paisagem natural, sendo este o pano de fundo utilizado pelos agentes imobiliários a fim de atrair adeptos de um etilo de vida baseado em um contato mais próximo com a natureza. O lugar é composto basicamente por duas unidades de conservação, quais sejam a Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba, localizada na planície da maré, e o Parque Estadual da Pedra Branca, do qual as elevações da Serra Geral de Guaratiba também fazem parte (ATLAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA

NATUREZA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1990). Além disso, segundo o Sindicato Rural e a Prefeitura do Rio de Janeiro, Ilha de Guaratiba representa uma importante área de preservação rural e ambiental. Quem ratifica essa informação, como mencionado, é a própria prefeitura, em meio a um município tido como urbano.

Geograficamente falando, toda atividade humana preconiza transformações ambientais, uma vez que o ambiente – ou espaço – pressupõe, além das formas materiais naturais e construídas, também o ser humano que lhe dá dinamismo (SANTOS, 2002). Assim sendo, quanto mais despreparada estiver uma área, no que tange uma infra-estrutura básica que dê suporte às modificações desejadas, maiores serão os impactos ambientais. Esse é o caso de Ilha de Guaratiba. Como se já não bastasse as mudanças representadas pelo afluxo de novos residentes e pelas construções de moradias, a carência infra-estrutural de sua área, ampliam ainda mais os danos à natureza. Isto, de alguma maneira, está presente no relato do morador Marlon, sublinhado anteriormente.

Considerando apenas as ações promovidas pelo fenômeno descrito por Abreu (1992; 2008) como “febre imobiliária”, nas últimas décadas, o lugar sofreu as primeiras intervenções externas por meio da instalação das residências secundárias. Nesse ínterim, foi crescente o desmatamento nas encostas da Serra Geral de Guaratiba e também em alguns relevos isolados da baixada a fim de ceder lugar aos sítios que abrigavam as casas utilizadas nas férias e finais de semana. Muitos dos córregos que desciam o maciço, levando água cristalina para a parte plana, passaram a ser represados à montante para a formação de lagos e piscinas naturais nas novas propriedades. Esses rios, que até então eram povoados por peixes – como traíras, caraúnas, piabas etc. – e por crustáceos, como lagostas e pitus (grande camarão de água doce) vão aos poucos perdendo sua piscosidade.

Posteriormente, o aumento do afluxo propiciou um impacto ainda maior, uma vez que muitos dos antigos riachos passaram a receber esgoto sem tratamento, transformando-se em verdadeiros valões-negros. No desenrolar deste processo, muitos morros passaram a ser demolidos, contribuindo para a especulação fundiária e imobiliária, cedendo lugar a novas residências e servindo de aterro para os novos

loteamentos tomados de uma área que até então não havia sofrido um grande impacto: a planície da maré.

Foi a partir da década de 1990 que a degradação ambiental tomou impulso. Os constantes aterramentos de áreas de manguezais e canais aluviais, tendo por fim a implantação de condomínios, causaram um impacto sem precedentes ao biossistema-mangue, que redundou na brusca diminuição da população de caranguejos e guaiamus, que além de ser considerado um dos símbolos do lugar, representa também uma fonte de renda para muitas famílias de catadores.

Devido a ausência de planejamento e base estrutural, as mudanças espaciais aqui abordadas não representam uma nova estrutura urbana de fato, e sim uma mudança radical, apontada pelos guaratibanos como uma das grandes responsáveis pela degradação do quadro natural do lugar. Esse fenômeno, no entanto, ao mudar a espacialidade em questão, pode modificar também a vida das pessoas, uma vez que as influências entre as pessoas e seus lugares são recíprocas.

Ampliando ainda mais o referido processo de transformações espaciais, desta vez para uma análise global, o crescimento das cidades e a urbanização do mundo é, segundo Wirth (1976), um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos. O referido cientista social lembra que a mudança de uma sociedade rural para uma predominantemente urbana, se verificou no espaço de tempo de uma só geração em alguns países centrais. O autor, no entanto, preocupa-se também em traçar a diferença entre urbanismo e urbanização, onde a urbanização refere-se à forma urbana, representada pelas construções, e o urbanismo, ao estilo de vida peculiar das cidades. Muitos outros teóricos também se debruçam sobre a temática envolvendo a distinção entre a cidade e o urbano, uma vez que o senso comum costuma se referir a esses termos como sinônimos.

Por representar uma realidade hiper-complexa e por possuir diversas dimensões, o urbano é representado de formas variadas. Nesse sentido, Yázigi (2003), em seu discurso sobre os diversos valores que envolvem o ambiente urbano (valor histórico, valor social, valor econômico, valor afetivo etc.), salienta sobre a relevância do sentimento de pertença na construção de um patrimônio urbano permanente. Segundo Yázigi, sem querença não se pode esperar grande coisa de um aglomerado urbano,

cada vez mais convertido em uma forma moderna de acampamento. O valor afetivo, portanto, representa uma condição indispensável para a construção de um espaço urbano que seja compreendido como patrimônio e como um ambiente topofílico (TUAN, 1980).

Para Corrêa (2000), a necessidade de maior consumo de espaço em decorrência da valorização fundiária responsável pela valorização dos imóveis nas áreas centrais, aponta, ao mesmo tempo, condições bem mais vantajosas nas periferias distantes dotadas de amenidades. Sobre estas circunstâncias, o processo de urbanização de uma porção periférica da cidade do Rio de Janeiro como Ilha de Guaratiba, muito mais que uma mera mudança espacial, representa transformações subjetivas nas quais seus residentes passam a vivenciar um diferente estilo de vida, baseado em novos valores. Nesse sentido:

A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporada em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos (WIRTH, 1976, p..93).

Para Tuan (1980, p. 260) “o subúrbio é um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos”. No encaixo desse estilo de vida alternativo, pessoas de classe média têm se deslocado para Ilha de Guaratiba. Consideremos, a seguir, as idéias de outro morador de Ilha de Guaratiba, o sociólogo Kleber de 34 anos, colocando o seu ponto de vista a respeito do lugar:

Vimos para Ilha de Guaratiba em 1982, onde fui criado. Sendo uma família de classe média, morávamos na Tijuca. Na época, minha mãe procurava um lugar mais tranquilo para criar os filhos, por conta da violência e da criminalidade. Havia, portanto, uma preocupação com nossa educação e formação e também para que tudo estivesse mais sob controle. Adoramos o lugar. Ao chegar, nos deparamos com todo esse espaço. Nossa qualidade de vida deu um salto considerável. O que mais nos chamou atenção, no entanto, foi o ar interiorano da localidade. O lugar tem essa coisa lúdica da roça. O bairro ainda respira essa atmosfera, não sei por quanto tempo. Esse é o grande atrativo de Ilha de Guaratiba.



O supracitado relato esclarece os motivos pelos quais áreas (sub)urbanas como Ilha de Guaratiba representam um ideal para determinados indivíduos e grupos sociais. Entre as razões que levaram Kleber e sua família a se mudarem de um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro para a área periférica em foco, está a busca por um lugar mais tranquilo para viver. Um local onde um novo estilo de vida em contato mais próximo com a natureza e o campo pudesse aflorar sem que fosse necessário se desvencilhar por completo da cidade.

Apesar de se aproximar da fenomenologia e da hermenêutica em algumas de suas pesquisas e conferências, o geógrafo João Rua não comunga com a vertente humanística. No entanto, objetivando elucidar a questão relacionada às múltiplas interações entre o rural e o urbano, acreditamos ser pertinente sua asserção. Em seu caminho investigativo, o referido pensador (RUA, 2002) enfatiza, tanto a questão das manifestações do urbano no rural, fenômeno por ele denominado urbanidades, quanto a força do rural diante do urbano (ruralidades). Para Rua, as novas ruralidades comandam o atual processo de reestruturação espacial, uma vez que o rural, ao ser incorporado pelo processo geral de urbanização, se integra ao urbano guardando algumas especificidades.

Em suas considerações teóricas acerca das urbanidades e das novas ruralidades, Rua caminha em direção às abordagens que se referem à hibridez dessas novas realidades espaciais (SANTOS, 2002), uma vez que as duas realidades se (con)fundem. Assim sendo o “velho” ou “interno”, representado pela pretérita estrutura rural de Ilha de Guaratiba, ao associar-se ao “novo” ou “externo”, retratado por seu hodierno processo de urbanização (SANTOS, 1997), conferem ao lugar uma gama de novas características, especificidades, particularidades, singularidades, além de um amplo nicho de símbolos recentes e de outrora que se apresentam à nossa interpretação.

### 3 DECIFRANDO SÍMBOLOS PRETÉRITOS E HODIERNOS DE ILHA DE GUARATIBA

Símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo, transcende sua condição como tal e se confunde com o lugar no qual se encontra. Neste particular, a carga simbólica de um templo ou de um estádio pode ser bem mais expressiva do que a sua destinação original. Na verdade, a cruz simboliza a cristandade, a coroa a monarquia (TUAN, 1980) assim como o portal de Brandemburgo representa um dos símbolos máximos da nação alemã (FREITAS, 1999). O simbolismo, entendido como expressão ou interpretação do significado de determinado elemento simbólico (símbolo), manifesta-se nas últimas décadas como um conceito sumamente importante para os estudos humanísticos e culturais – estudos esses relacionados à compreensão da dimensão subjetiva do lugar (MELLO, 2000, 2003; TUAN, 1980).

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não-humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, freqüentemente, símbolos poderosos em si mesmas (COSGROVE, 2004, p.108).

Segundo Cosgrove (2004), para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da linguagem empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura. Para o autor, apesar da ligação entre o símbolo e o que ele representa ser muito tênue, todas as paisagens são simbólicas. Ao salientar que as paisagens humanas são carregadas de simbolismo, Cosgrove focaliza a natureza e a paisagem natural como símbolos poderosos em si mesmos, partindo do pressuposto de que qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura. Apesar dessa transformação não estar sempre visível, especialmente para um estranho, o objeto natural torna-se objeto cultural quando lhe é atribuído um significado simbólico (COSGROVE, 2004).

Dos múltiplos e variados motivos para mudar-se para o subúrbio, a busca de um meio ambiente saudável e de um estilo de vida informal estão entre os mais

antigos. Temos repetidamente observado como o sentimento pela natureza e vida rural é encorajado pelas pressões da vida urbana. O meio ambiente da cidade é ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável. Os ricos sempre puderam escapar disso saindo para descansar em suas casas de campo. No mundo ocidental o sentimento pela natureza culminou com o movimento romântico dos séculos dezoito e dezenove (...). A cidade simbolizava corrupção (...). O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana (TUAN, 1980, p.272).

A simbologia não se restringe aos centros de bem querência, afetividade, despojamento ou experiência, pois espaços vastos, estranhos e distantes configuram-se como símbolos de rejeição (MELLO, 2003; TUAN, 1980). Entendendo o simbolismo como a representação de uma idéia – tanto negativa quanto positiva – de um determinado elemento simbólico, Tuan (1980) propõe um contraponto entre a cidade e o campo, sugerindo que a partir da revolução industrial, a cidade – aos poucos – deixa de simbolizar um ideal de vida, cedendo ao campo essa condição, por meio de um retorno ao sentimento pela natureza. Segundo Tuan, ao adquirir alguns dos valores do campo, o subúrbio – aqui entendido como fronteira da expansão metropolitana – passa a representar um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos (TUAN, 1980). Nesse sentido, os subúrbios (periferias metropolitanas) passam a representar para os que neles residem, um símbolo de status social e de bem querência (CORRÊA, 2000; FERNANDES, 2006; SOUZA, 2005).

O lugar – por possuir identidade, carga, caráter e fervor simbólicos – é repleto de simbolismo, estabelecido por elementos (materiais ou imateriais) que evocam inúmeros significados à base territorial experienciada. O próprio lugar é um símbolo de afetividade, bem querência, satisfação, felicidade e conagração. Lugares e símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões decodificando e traduzindo o seu passado e o conectando ao presente (MELLO, 1990; 2003).

E, assim, existe “lugar”. No contexto de um mundo que é, certamente, cada vez mais interconectado, a noção de lugar (geralmente citado como “lugar local”) adquiriu uma ressonância totêmica. Seu valor simbólico é, incessantemente, mobilizado em argumentos políticos. Para alguns, é a esfera do cotidiano, de práticas reais e valorizadas, a fonte geográfica de significado, vital como ponto de apoio, enquanto “o global” tece suas teias, cada vez mais poderosas e alienantes. Para outros, “um refúgio no lugar” representa a proteção de pontes levadiças e a

construção de muralhas contra as novas invasões. Lugar, através dessa leitura, é o local da negação.

Em uma tentativa de traduzir o valor simbólico do lugar, Doreen Massey (2008, p.24-25) discorre sobre sua ampla gama de significados. Em sua perspectiva, o lugar simboliza – dentre outras coisas – a esfera do cotidiano, a fonte geográfica de significado, vital ponto de apoio, além de representar refúgio e proteção contra as poderosas e alienantes teias do global. Defendendo um novo estímulo da espacialidade, a autora aponta a natureza e a paisagem natural como fundamentos simbólicos para o reconhecimento do lugar (MASSEY, 2008).

Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade (...). Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações.

O geossímbolo – conceito trabalhado por Joel Bonnemaïson (2002, p.109-111) – pode ser compreendido como um lugar-símbolo, carregado de afetividade e significações. Dentre as premissas defendidas pelos geógrafos do horizonte humanístico estão às relacionadas ao conteúdo simbólico dos lugares (COSTA, 2008) e ao mosaico de símbolos que residem no mesmo (MELLO, 2003, 2008). Nesse sentido:

O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que se une a uma idéia, um valor, um sentimento. Entendemos portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares (COSTA, 2008, p 149).

Em seu discurso sobre a questão do patrimônio cultural enquanto um conjunto de símbolos presentes na paisagem, representando a memória do lugar, Costa (2008) alude que “o simbólico dos lugares nos remete ao conceito de paisagem vernacular onde tal caráter explicita-se no conjunto de representações, tanto das paisagens

antigas, quanto das atuais, expressas através dos saberes e fazeres do homem” (p.151). Para o autor, certos elementos de ordem natural ou cultural, quando associados às relações cotidianas dos indivíduos ou grupos sociais, podem definir um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Nesse sentido, as relações cotidianas e a consequente apreensão acerca dos lugares e de seus símbolos, podem aproximar o indivíduo do lugar ou fazer com que um espaço torne-se lugar, uma vez que é recortado afetivamente. “Nesse contexto, o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico” (COSTA, 2008, p. 155).

Uma vez que os lugares e os símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo do tempo (MELLO, 2003), conciliar, entender e decodificar os símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de Guaratiba são as tarefas a serem empreendidas por nós nas pósteras páginas, a começar pelo valor simbólico de seu topônimo.

### **3.1 O caráter identitário da toponímia**

Conferir nome aos lugares possui um forte significado, uma vez que essas denominações estabelecem conexões entre o lugar em tempos pretéritos e hodiernamente. Assim sendo, a toponímia revela posse, memória, simbolismo, querência, adesão, resistência e intimidade com o lugar nomeado (MELLO, 2007). Neste campo, Corrêa (2003, p. 176) sublinha: “a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo, sendo um poderoso elemento identitário”. Nesse sentido, os nomes dos logradouros ou bairros conferem a esses lugares uma forte identidade, sendo resultado de vivências, embates, utopias e valores, em meio a amigos, parentes, estranhos, conhecidos e sentimentos, compondo um todo de introjeções, estranhamentos, aderências e pertencimentos (MELLO, 2000).

Para Lessa (2001), a toponímia é o primeiro e o mais fiel registro dos lugares. Segundo o autor, a fidelidade das pessoas aos nomes é tanta que aderem aos lugares. Segundo Lessa (2001, p. 58):

Os nomes têm muito maior longevidade que as configurações materiais dos lugares. Um exemplo são os nomes que resistem, ainda que seus lugares originais não mais existam: guardam um inequívoco caráter simbólico. A Praça XI, que continua sendo evocada no samba do Rio; o Castelo é o lugar de um morro que já foi demolido; a Rua do Ouvidor, o que quase ninguém mais sabe quem foi, e dúvidas existem inclusive sobre qual ouvidor teria sido. Outros lugares se modificam eufonicamente: assim, a Batalha de Cerro-Corá, da Guerra do Paraguai, deu origem à favela Serra Coral. A Praça do Asseca virou Praça Seca; o sítio do Willian tornou-se Ilha (de Guaratiba) etc.

Mostrando-se um profundo conhecedor dos lugares de sua cidade e dos contextos que originaram seus nomes, Lessa aponta para a direção que enfocamos, uma vez que as toponímias são por ele abordadas como um verdadeiro mosaico que unem elementos contemporâneos e de outrora. Foi na busca do entendimento sobre o sentido e o significado dos nomes dos diferentes lugares da Cidade do Rio de Janeiro que o autor descobriu ter sido “um tal Willian, dono de um sítio em Guaratiba, o responsável pela origem do nome do lugar chamado ‘Ilha’”(LESSA, 2001, p. 427).

Como a maioria das pessoas que se debruça sobre Ilha de Guaratiba, para chegar às origens do nome do referido lugar, Lessa se baseou nos escritos do historiador Rivadávia Pinto, segundo o qual, o topônimo “Ilha” teria se originado por corruptela do nome do inglês Willian que, vindo em meio à escolta inglesa que protegia a Família Real Portuguesa em seu traslado para a antiga Terra de Santa Cruz, em 1808, se apossou e passou a residir nas terras da área alvo de nossa investigação. Como os nativos não se esmeravam em pronunciar corretamente o seu nome, passaram a chamá-lo de “Wilha”, seu “Ilha de Guaratiba” e, por fim, “Ilha de Guaratiba” – em alusão ao inglês Willian – antigo proprietário das terras da localidade (LESSA, 2001). Já o topônimo “Guaratiba”, bem mais antigo, derivou-se do grande número de aves pernaltas que povoavam o local – os guarás. Como o vocábulo “tiba”, em Tupi-Guarani, significa abundância, Guaratiba, etimologicamente, significa “abundância de guarás” (PINTO, 1986). Nestes termos, o topônimo Ilha de Guaratiba resulta da corruptela de um nome próprio britânico e de um vocábulo indígena.

Apesar de possuir ampla aceitação, a referida versão, advinda de corruptela, alguns guaratibanos possuem outras teorias que tentam elucidar o porquê de um lugar não cercado por água se chamar Ilha. Entre esses moradores, estão o empresário Evanir de Souza e o paisagista Luís Alberto, dos quais repassamos, inicialmente, o parecer do primeiro:

Até a década de 1960, nossa localidade era completamente isolada do restante da cidade. Acredito que a própria localização geográfica do lugar tenha contribuído para seu histórico isolamento. Como estamos do outro lado do maciço, cercados de morros por todos os lados, acabamos por ficar ilhados do mundo a nossa volta. Percebíamos o nosso isolamento principalmente por causa do jornal que aqui chegava dois ou três dias depois de sua edição. Na verdade isso aqui era uma espécie de ilha sim, só que cercada pela montanha que contorna o local. Até hoje as pessoas que vêm aqui na chácara perguntam ao sair: como eu faço para ir pro Rio? Para elas, nosso lugar está fora dos limites da cidade. Ou seja, de certa forma, ainda estamos “ilhados”. Ainda somos uma “ilha” pois destoamos do restante da metrópole (EVANIR DE SOUZA).

Apesar de não contestar a versão oficial da toponímia local em seu depoimento, Evanir de Souza pontua que o lugar poderia ser considerado uma “ilha” cercada pela Serra Geral de Guaratiba que, se derramando sobre o mar, seguindo por escarpas, montanhas e grotões florestados, contorna o lugar, fazendo do mesmo uma espécie de “ilha”, cercada pelas elevações pertencentes ao Maciço da Pedra Branca a leste, ao sul e ao norte, e pelo mangue a oeste. Esse isolamento natural, ao longo dos séculos, dificultou o acesso a esta área, separando-a parcialmente do restante do município, fazendo com que suas principais especificidades naturais fossem preservadas.

Ainda sobre o topônimo “Ilha”, outro residente do local nos propõe a seguinte suposição:

Acho muito bonita a história do Willian, que – segundo a tradição – deu nome ao lugar. Mas onde estão os descendentes desse tal inglês? Se esse tal Willian tivesse mesmo existido, creio que boa parte das terras da localidade pertenceriam a seus parentes. Pra mim, quando essa história do Willian surgiu, o lugar já se chamava Ilha. Há indícios históricos que os principais rios do local (Piracão e Portinho) eram navegáveis até o século XIX, antes da construção da Avenida das Américas (antiga Rio-Santos). Nessa época, quando a maré subia, o lugar ficava ilhado, uma vez que – com exceção da planície da maré – é todo cercado por elevações. No meu entendimento, o topônimo Ilha provém da inundação periódica que o lugar sofria no passado por ocasião da subida da maré (LUÍS ALBERTO).

Ao contrário de Evanir de Souza, Luís Alberto (47 anos) contesta a versão toponímica oficial baseada na história do Willian. Para o referido paisagista, o topônimo “Ilha” estaria atrelado às inundações periódicas de parte da Baixada de Guaratiba, em função da subida das águas nos períodos de maré alta. Luís Alberto baseia sua teoria nos registros históricos que asseguram a ocorrência de inundações regulares nas áreas próximas aos rios de canal da Planície da Maré de Guaratiba (CASTRO, 2002; PINTO, 1986) e nos estudos arqueológicos (KNEIP, 1987) e biológicos (ARAÚJO, 1987; MENEZES, 2005) da Baixada de Guaratiba. Ainda no tocante ao lugar e sua denominação, vejamos o que pensam os guaratibanos Márcia (45 anos) e José Humberto:

Eu sempre me orgulhei muito de morar em Ilha de Guaratiba. Quando perguntavam onde morava, enchia a boca pra responder: moro em Ilha de Guaratiba. Quando dava meu endereço, citando Ilha de Guaratiba como meu bairro, as pessoas me perguntavam: Guaratiba? Eu respondia: não. Não moro em Guaratiba. Eu moro em Ilha de Guaratiba. É claro que as pessoas não entendiam a diferença, mas era a maneira que eu encontrava de protestar contra aqueles que – por desconhecerem essa parte da cidade – generalizavam, homogeneizando um lugar que é diferente das demais localidades de Guaratiba (MÁRCIA DUARTE).

O símbolo mais forte de Ilha de Guaratiba é o seu isolamento que a distinguiu dos demais bairros de Guaratiba. Ilha de Guaratiba é específica porque foi esquecida. As pessoas, ou se deslocavam para a praia (Barra de Guaratiba), ou para o centro gastronômico (Pedra de Guaratiba). Ninguém se deslocava para Ilha de Guaratiba, que se tornou reduto apenas dos antigos agricultores (JOSÉ HUMBERTO RESENDE).

A força e a importância do topônimo “Ilha” pode ser detectada nos supra-mencionados relatos, onde os guaratibanos em tela fazem questão de distingui-lo de Guaratiba como um todo. Nessa trilha, nota-se uma forte identificação para com o lugar e sua denominação, como salientam Márcia Duarte e José Humberto Resende.

Por não ser considerado oficialmente um bairro, Ilha de Guaratiba – sub-bairro de Guaratiba – é frequentemente ignoto, sendo com isso inserto no bairro ao qual compõe. No entanto, os insiders, desbravadores e profundos conhecedores de seu universo vivido, sentem-se ofendidos quando seu lugar é acoplado a outro (espaço), com o qual não se identificam. Esse é o caso da Márcia e de vários outros guaratibanos que fazem questão de salientar que o seu lugar se denomina Ilha de Guaratiba.



Mesmo proprietários de segunda habitação, como é o caso do médico José Humberto Resende, fazem questão de frisar as distinções entre os diferentes subespaços de Guaratiba, tanto para que se evite a confusão entre eles, quanto para que os diferenciais e as especificidades de Ilha de Guaratiba sejam reverenciados.

Guaratiba é representada pela região administrativa do mesmo nome, sendo composta por três bairros: Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, este último, o mais extenso bairro do município do Rio de Janeiro. Apesar da amplitude dessa área, constatamos em pesquisas de campo anteriores que é em Ilha de Guaratiba – sub-bairro de Guaratiba e alvo de nossa investigação – que os elementos aqui citados, concernentes à toponímia local, estão fortemente caracterizados, fornecendo à localidade uma forte identidade.

Os residentes da Barra de Guaratiba, por exemplo, se orgulham de ser chamados de “barreiros”. Nas demais localidades de Guaratiba, não há uma denominação específica para os residentes. Apenas os moradores de Ilha de Guaratiba são chamados e (re)conhecidos como guaratibanos. O guará, outro exemplo, não é evocado como símbolo em Guaratiba como um todo, mas em Ilha de Guaratiba, a ave simboliza um retorno ao seu passado e uma veneração à sua natureza.

### 3.2 A natureza como símbolo

Vejamos o que alguns guaratibanos têm a dizer sobre o conteúdo simbólico de sua paisagem natural:

A morfologia local é, sem sombra de dúvida, o ponto alto de nosso lugar. Essas montanhas bem revestidas pelo verde representam, em termos visuais, aquilo que nós temos de melhor. Quando a gente consegue ficar à distância e olhar essas montanhas, é algo indescritível. Pra mim, o nosso maior símbolo é essa “cordilheira” que nos cerca, revestida de verde. Esse é o nosso maior valor visual (ENAVIR DE SOUZA, 76 ANOS).

Ao meu ver, o maior símbolo de Ilha de Guaratiba é o verde e a nossa relação com a natureza (PAULO CÉSAR, 42 ANOS).

Eu costumo dizer que Ilha de Guaratiba é o horto do Rio de Janeiro. Mas como símbolo mesmo, eu gostaria de citar a Serra da Grota Funda (IEDA THOMÉ, 65 ANOS).

Pra mim, os símbolos do nosso lugar seriam a natureza (verde) e o relevo (montanha) pelo qual estamos cercados como uma “ilha” (GENESSI, 50 ANOS).

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, comecei a procurar um lugar tranqüilo, onde pudesse estar em contato direto com a natureza. Procurei muito, mas quando cheguei aqui, falei: achei o que procurava! A natureza, o verde, a vegetação – sem dúvida – simbolizam Ilha de Guaratiba (MARIA ELENA, 67 ANOS).

O verde é o nosso símbolo. Sempre que penso em Ilha de Guaratiba, imagino uma serra bem verdinha (YARA BARBOSA, 34 ANOS).

Os depoimentos acima, relatados por moradores de diferentes idades e atividades profissionais, aludem aos símbolos mais emblemáticos do lugar, ou seja, daqueles que são evocados por seus vivenciadores como o que melhor caracteriza seu mundo vivido. Nesta senda, os moradores de Ilha de Guaratiba – nas palavras supracitadas – mencionam o verde, a montanha e a paisagem produzida pelo entrelaçamento desses dois elementos naturais, como a(s) marca(s) que melhor representam o lugar.

Apesar da notória veneração atual ao ambiente bucólico, notabilizada pelas palavras dos residentes consultados, em pesquisas anteriores (FERNANDES, 2003; 2006), o que hoje representa um símbolo ostentatório, constituía-se uma expressão de desagrado, uma vez que remetia o lugar a uma condição de atraso em relação aos bairros urbanizados da cidade. Na tentativa de elucidar os motivos pelos quais um determinado objeto ou lugar acresce ou decresce valor às suas características, Mello (2003) preconiza que um símbolo perde ou recebe tal condição dependendo da escuridão ou da claridade atribuída no transcurso do tempo. Assim sendo, à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, pode mudar, igualmente, sua atitude para com o meio ambiente, podendo inclusive inverter uma anterior rejeição, por uma verdadeira veneração à natureza (TUAN, 1980).

As primeiras evocações humanas em relação à natureza nos remetem ao medo e aversão a um ambiente hostil, onde a vulnerabilidade antrópica era patente ante um habitat selvagem no qual o homem demonstrava notória inaptidão para viver (PARK, 1976; TUAN, 2005).

As primeiras cidades e/ou assentamentos humanos como Jericó (na Palestina) e Ur na antiga Mesopotâmia (atual Iraque) surgiram milênios antes de Cristo, sendo protegidas dos exércitos inimigos e dos muitos perigos da natureza por grandiosas muralhas (SOUZA, 2005). Foi preciso o surgimento das grandes cidades da época Alexandrina para que se produzisse uma forte reação favorável à rusticidade dos ambientes naturais. Quando uma sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. Esse tipo de sentimento surgiu apenas após a construção das grandes cidades, quando as pressões da vida urbana tornaram atrativa a paz rural e a apreciação romântica da natureza (TUAN, 1980). Assim sendo, a natureza que outrora foi símbolo de ambiente tofóbico (TUAN, 2005), hodiernamente representa atributo indispensável para a valorização das áreas próximas aos grandes centros urbanos, sendo também condição para o processo de expansão metropolitana. Nesse sentido, o tripé de amenidades, ou apenas um de seus itens – mar-verde-montanha – nos nossos dias constitui elemento de valorização das áreas periféricas das grandes cidades (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO, 2007).

A paisagem natural das supracitadas periferias enobrecidas, ostentada pela riqueza das amenidades verde-mar-montanha, hoje representa um símbolo de morar bem e de status para os recém chegados, mas significa também um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar para aqueles que se encontram nele enraizados.

Como toda porção espacial, Ilha de Guaratiba possui características específicas, responsáveis por sua distinção com relação aos demais lugares. Nesse contexto, seus atributos naturais tornam-se exemplo patente de sua particularidade. Como já foi dito, sendo uma área de baixada com um verde amplo e exuberante, cercada em grande parte pelo Maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), o lugar tem como

marcas mais importantes sua belíssima paisagem natural, proporcionada pela junção verde-montanha (Fernandes, 2003, 2006, 2009).

Do tripé de amenidades citadas acima por diversos autores, Ilha de Guaratiba é dotada de verde e montanha, ficando também muito próximo do outro item de amenidade, qual seja o mar, uma vez que se localiza a poucos minutos de praias como Recreio dos Bandeirantes e Grumari. Assim sendo, não é difícil entender os motivos pelos quais os citados elementos naturais são considerados os maiores símbolos do lugar

O relevo é, segundo Guerra (1993), um dos elementos fundamentais da paisagem física e, por isso, suas formas são estudadas pelos geógrafos, pois elas fornecem muitas vezes a explicação de certos tipos de paisagens culturais. Ilha de Guaratiba não foge a esta regra pois, ao longo do tempo, a morfologia local exerceu influência sobre o lugar. A topografia local é composta basicamente por uma área de planície (Planície da Maré de Guaratiba) – onde algumas “barreiras” aparecem sob a forma de relevos arredondados isolados (FERREIRA; OLIVEIRA, 1987). A morfologia local se confunde com a vegetação das encostas e maciços e também com o verde dos morros da baixada, proporcionando assim uma vista privilegiada, tanto do alto do maciço, de onde podemos observar a baixada com o seu verde exuberante, quanto da própria baixada, onde ao olharmos para a cadeia montanhosa, nos deparamos com a belíssima paisagem representada pelos morros que caprichosamente contornam o lugar.

Em relação ao verde, Ilha de Guaratiba é privilegiada. No lugar encontram-se importantes áreas de preservação ambiental com significativos trechos de mata atlântica. A exuberância do verde que predomina na planície, aliado à serra florestada, confere ao lugar uma paisagem de “indescritível beleza”, como bem salientou Evanir de Souza, sendo ratificado por outros guaratibanos que também mencionam estes elementos e a paisagem que proporciona, como os mais relevantes símbolos de seu lugar vivido.

Por ser um referencial que está diante de nossos olhos, a paisagem torna-se elemento essencial para entendermos a(s) geografia(s) do(s) lugar(es) por meio do vislumbre de sua feição (SANTOS, 1997, 2002). Mais que isso, a paisagem natural, há

décadas é valorizada pelos agentes imobiliários, sendo utilizada como uma espécie de chamariz pelos especuladores de imóveis (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO; 2007). Além disso, a natureza e sua paisagem bucólica também representam um forte valor simbólico para os indivíduos e grupos sociais, possuindo, nesse ínterim, uma forte influência, tanto na construção de identidade, quanto na formação do lugar (COSTA, 2008; MASSEY, 2008).

Por meio da leitura de relatos individuais, notamos que em Ilha de Guaratiba não é diferente. Em suas falas, esses guaratibanos enfatizam sua relação com a natureza (o verde e a montanha), deixando patente que o quadro natural da localidade exerce sobre eles um forte domínio. Frases como “esse é o nosso maior símbolo” denotam um notório sentimento de pertencimento, onde em meio à introjeções não é possível separar as pessoas de seu lugar-símbolo.

Por serem íntimos, particulares e individuais, os símbolos podem variar de pessoa para pessoa podendo assim emergir, por meio de experiências pessoais, inusitados símbolos, como os abaixo relatados:

A história de Ilha de Guaratiba se confunde com sua natureza (verde-relevo-fauna) e com sua relação com a terra (produção agrícola). Nesse sentido, o que melhor simboliza nosso lugar é “banana prata da melhor qualidade e guaiamum”. Essas coisas marcaram muito a minha infância. Eu ia lá pro CETEX (centro tecnológico do exército) e pegava muito guaiamu na época em que eles andavam (KLEBER).

O sociólogo Kleber, 34 anos, nasceu na Tijuca e veio para Ilha de Guaratiba em 1982, onde foi criado. Por meio de experiências vividas no lugar em sua infância, Kleber se identificou com dois elementos pertencentes ao nicho de características do local: a banana prata – cultivada nas encostas – e o guaiamu, típico da planície.

A banana prata tomou o lugar do café nas encostas da Serra Geral de Guaratiba após a decadência da cafeicultura. Até a década de 1980, era comum pessoas subirem aos morros de Guaratiba, onde a banana prata podia ser colhida madura sem restrições, tamanha sua fartura. Nessa época, Ilha de Guaratiba produzia uma grande quantidade desse produto, que era então vendido nas feiras-livres e no CEASA. Hodiernamente, apesar de não apresentar mais a grande produção de outrora, a

banana prata ainda constitui um dos símbolos do lugar, sendo comercializada (in natura) nas bordas da Serra da Grota Funda, em Ilha de Guaratiba.

O outro elemento citado por Kleber, que simboliza um retorno aos tempos de sua infância, é o guaiamum – espécie de caranguejo de coloração azul, que vive escondido em tocas profundas nas áreas próximas ao litoral. Antes da baixada de Guaratiba passar pelo processo de aterramento que cedeu lugar aos condomínios, era comum encontrarmos esse crustáceo, bastante apreciado nos restaurantes da área, circulando em ocasiões específicas. Na realidade, até os anos 1980, era comum as crianças e jovens da localidade saírem ao final das tardes de verão para pegar guaiamum. Hoje, só é possível encontrá-los nas áreas de restinga e nos manguezais da baixada, onde são capturados por alguns “catadores”, sendo vendidos às margens da Avenida das Américas, logradouro que corta a planície da maré de Guaratiba, uma via expressa que se prolonga até a Barra da Tijuca, parte do antigo traçado da Rodovia Rio-Santos.

Oriundo de um lugar inverso, ao chegar em Ilha de Guaratiba, Kleber se deparou com um universo distinto do qual estava acostumado quando vivia na Zona Norte da cidade. Na Tijuca, o medo da violência urbana fazia com que seus pais o mantivessem em um ambiente claustrofóbico que o impediu de se familiarizar com o bairro e construir, em seus domínios, símbolos identitários. Do claustro que lhe impedia de transformar o espaço que lhe cercava em lugar, em Ilha de Guaratiba, desde sua infância, Kleber teve liberdade pra se relacionar com seu novo domínio topofílico. Sua pertinente agorafilia foi impulso fundamental para que criasse em meio à relação com seu novo ambiente, símbolos que até hoje permeiam sua memória.

Ilha de Guaratiba pode ser considerada uma grande ágora, onde os elementos da natureza são os maiores responsáveis por conferir ao lugar suas principais especificidades, que se tornaram também seus símbolos mais visíveis e, por isso mesmo, os mais evocados. No entanto, no lugar persistem símbolos de tempos já idos, que apesar de não representarem mais uma realidade visível, ainda permeiam mentes saudosas dos guaratibanos.

### 3.3 Símbolos de outrora

Uma tendência humana comum reside na inclinação de ancorarmos o nicho de aderências, pertencimentos e sentimentos por nosso lugar a determinadas paisagens, experiências e símbolos do passado (MELLO, 1991; 2000; 2003; 2008; TUAN, 1980; 1982; 1983). Nesta trilha, por meio de relatos carregados de nostalgia e orgulho, guaratibanos de diferentes gerações destacam alguns acontecimentos, experiências, características e símbolos pretéritos que permanecem vivos, pulsantes e sempre presentes em sua memória.

Nos meus tempos de criança, o bucolismo era mais explícito: todos se conheciam, todos se cumprimentavam. Essa sempre foi uma das principais características do nosso lugar, hábito que está se acabando devido ao “progresso”. Hoje, é comum aqui em Ilha de Guaratiba passarmos por pessoas que não conhecemos, e não ouvimos sua resposta ao nosso cumprimento. Esse é um hábito nosso, e não daquelas pessoas. Pra nós, é comum o cumprimento mútuo, mas pra elas não é (EVANIR DE SOUZA).

O encontro com os vizinhos no portão de casa, as festas com os amigos a qualquer hora e lugar, aquela coisa de conhecer bem um ao outro. Aqui em Ilha de Guaratiba todo mundo era amigo e as visitas eram constantes. Nossas casas não tinham muros e nem cercas. Tenho muitas saudades “dessa Ilha de Guaratiba” (MARCIA DUARTE).

Nós, moradores de Ilha de Guaratiba – no passado – tínhamos uma ligação mais forte. A proximidade era maior e os vínculos interpessoais eram mais fortes. Devido à influência das pessoas que chegaram, ou talvez pelo estabelecimento de relações com outros lugares, acabamos nos distanciando um do outro. Hoje as pessoas encontram-se um pouco mais dispersas, e isso nunca fez parte da tradição desse lugar. Antes era diferente, a interatividade era maior, a relação entre as pessoas era mais estreita, a proximidade era maior. Mesmo com toda a falta de opções que tínhamos naquela época, acho que éramos mais felizes, pois a relação com o outro era mais próxima. Era uma coisa tradicional mesmo, era coisa rural que a gente está perdendo aos poucos (PAULO CÉSAR).

Os símbolos imateriais de Ilha de Guaratiba, que exaltavam a beleza da vida campestre do lugar em tempos memoráveis, por pulsarem vivos apenas na memória de alguns saudosistas que os vivenciaram plenamente, são relatados com um patente sentimento de pesar por guaratibanos que, certamente, gostariam que essas características simbólicas do lugar não se perdessem na voragem do tempo. A expressão melancólica do Evanir, da Márcia e do Paulo, em seus depoimentos, quando

se referem ao bucolismo, cordialidade, proximidade, amizade e às demais características diretamente ligadas às relações interpessoais estreitas – atreladas à conjuntura pretérita de seu lugar vivido – demonstram, por si só, a relevância desse nicho de bens simbólicos imateriais.

Tanto os lugares quanto os símbolos, podem até ser forjados em meio a experiências imediatas. No entanto, faz-se necessário um determinado intervalo de tempo para que um dado objeto ou espaço capte nossa atenção, ascendendo ao patamar de símbolo ou lugar (MELLO, 1991, 2003). Ao salientar que o lugar é um reservatório de lembranças e sonhos, Tuan (1983, p.206) frisa também que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar”. Vejamos um trecho dessa asserção, que aponta para a relevância do passado como pilar da identidade individual e coletiva e fonte de significação e simbolismo:

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém que neste momento luta para expressar o pensamento em palavras: Eu também sou um escritor cujo livro foi publicado, e aqui está o livro, encadernado, ao meu lado, renovando minha confiança (...).  
Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível (TUAN, 1983, p.206).

Cada pessoa carrega consigo o seu lugar por meio de vivências, familiaridade, afeição, pertencimentos e outras experiências. Essa gama de sentimentos é tecida ao longo do tempo e evocada, consciente ou inconscientemente, a todo instante, denotando que aquilo que somos e possuímos, resulta de nossa história, do mosaico de experiências que vivenciamos em nossa base territorial comum. Nesse sentido, “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980, p.114) e a história, a responsável pelo sentimento de pertença e amor pelo lugar, uma vez que, no transcurso do tempo, uma pessoa investe parte significativa de sua vida emocional em seu lar e em seu bairro (TUAN, 1980).

O ser humano tende a focalizar o mundo como ele era no passado, refletindo por meio de sua memória (LOWENTHAL, 1982), bem como no decorrer da educação formal e informal que assimila no curso de sua vida. “As experiências nos cenários do passado são tesouros guardados com grande ternura” (MELLO, 1991, p.235).



Comungando com essa premissa, Harvey (1992), recorrendo a Rossi, cita o referencial histórico e o acervo do passado como fonte de significação dos “símbolos culturais”:

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada (HARVEY, 1992, p. 85).

Uma vez que toda experiência vivida remonta aos tempos idos, é inquestionável a relevância das vivências, dos lugares e dos símbolos de outrora no processo de construção de identidade que vincula as pessoas ao seu lugar vivido, que passa e ser evocado e reverenciado não apenas por suas características hodiernas, mas também pela história que foi construída pelos indivíduos e grupos sociais em sua base territorial comum ao longo do tempo. Como já foi explicitado, “a história exerce um papel essencial no sentido humano de territorialidade e lugar” (TUAN, 1982, p. 156). Neste ponto, “a identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência” (TUAN, 1982, p. 156).

Retornando aos elementos simbólicos de Ilha de Guaratiba, expressos no início desse tópico, proximidade e contato entre vizinhos são a base para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida comunitária. No entanto, sob as complexas influências da vida urbana, o que se pode chamar de sentimento de vizinhança tem sofrido muitas mudanças interessantes, tendo produzido muitos tipos de comunidades locais. Nesse sentido, podemos dizer que existem vizinhanças nascentes e vizinhanças em processo de dissolução. No entanto, no meio citadino, a vizinhança tende a perder muito a significância que possui para as comunidades mais simples (PARK, 1976; SIMMEL, 1976).

A reserva, a indiferença e o ar blasé manifestados nas relações humanas, podem ser entendidas como instrumentos utilizados por alguns indivíduos para se

imunizarem contra exigências pessoais e expectativas de outros (WIRTH, 1976), questão salientada por Evanir de Souza no final de seu relato.

O superficialismo, o anonimato e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, também, a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade (PARK, 1976; SIMMEL, 1976; WIRTH, 1976). Em relação aos citados traços característicos do modo de vida urbano, vinculado ao desaparecimento da vizinhança e à corrosão da base tradicional da solidariedade social, Corrêa (1992, p. 34-35), em relação à periferia metropolitana, argumenta que:

A densificação, por ter implicado significativa mobilidade residencial interbairros, gerou como consequência o desaparecimento de unidades de vizinhança onde todos se conheciam e, quando necessário, se ajudavam mutuamente (...). Associado a esta mudança está o crescente anonimato da população residente nos bairros de classe média. Anonimato que inclui uma certa dose de desconfiança e medo do outro.

Em um de seus estudos sobre o processo de urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro, Rua (2002b) também aborda às questões atreladas ao estranhamento e ao não reconhecimento dos antigos moradores das localidades pesquisadas, em relação às transformações vigentes em seu lugar vivido. Em uma das entrevistas efetivadas por Rua, um residente do distrito de Vargem Grande, localizada no município de Teresópolis, relatou que, atualmente, não conhece mais boa parte de seus vizinhos, e que na véspera, “havia cruzado com pessoas sem conhecer nenhuma delas” o que era impossível até dez anos atrás, por exemplo (RUA, 2002b, p.60).

O estranhamento e o não reconhecimento dos indivíduos oriundos do lugar – comum nos locais estudados por Rua e também em localidades que, como Ilha de Guaratiba, passam por transformações espaciais, funcionais e estruturais – podem ser explicados considerando as aderências e os demais sentimentos de pertença que, em meio a introjeções, remete o indivíduo a um passado idílico.

Quando um lugar alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas tendem a conferir mais valor à relativa simplicidade dos antigos hábitos que são superados pelas novas relações – baseadas não mais na camaradagem, proximidade, solidariedade, cordialidade e amizade – e sim na desconfiança, no medo e no distanciamento entre as pessoas (TUAN, 1980, 2005). Quando os membros de

determinado grupo social ou comunidade percebem que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente (TUAN, 1983). Uma vez que “os significados emergem das experiências mais profundas que se acumulam através do tempo”, esse repositório de significados torna-se um símbolo (TUAN, 1980, p.166). Neste atalho, o papel da vizinhança que revela o bucolismo de um passado recente, é evocado por guaratibanos que apresentam estas características como símbolo do lugar. Embora tenha perdido a profundidade de outros tempos, a proximidade – que engendrava identidade de sentimentos, familiaridade e reciprocidade – permanece presente nas mentes e corações saudosos daqueles que se vincularam ao lugar por meio das experiências nele vividas.

O tempo passa deixando seu rastro: história vivida ou memorialista. Esta, anexada ao presente, corresponde ao repositório de símbolos materiais e imateriais que, por mais distantes que estejam dos olhos, das mãos e dos demais sentidos, é responsável por dotar nossas vidas de sentido, uma vez que “somos aquilo que temos”, construído ou formado ao longo do tempo (TUAN, 1983, p.206).

A particularidade aqui abordada, referente à cordialidade, solidariedade, amizade, proximidade e aos saudosos laços de vizinhança que vigorava em tempos memoriais em Ilha de Guaratiba, compõem um dos mosaicos simbólicos pretéritos evocados pelos que vivenciam o lugar há algum tempo. Além dos elementos representativos salientados acima, outros eventos e características de outrora continuam a permear a alma geográfica de guaratibanos que sentem saudades desses tempos idos. Nesta direção, consideremos as palavras de alguns moradores de Ilha de Guaratiba:

Foram muitas as coisas que se perderam com o tempo, coisas que aconteciam e desapareceram. Quando criança, por exemplo, eu pescava no riacho que passava nos fundos de minha casa. Sinto falta também dos campinhos de pelada que cederam lugar a variadas construções. Lembro também do sítio dos mudinhos (alambique dos mudos), da cachaça e das tardes de domingo quando íamos pra lá comer rapadura, ver gente... Que saudade do carnaval na sede do Ilha (clube do Ilha Futebol Clube) e na quadra de samba (G.R.E.S. União de Guaratiba). São coisas que se perderam mas que continuam em nossa memória (MARCELO PAES COSTA).

Tem muita coisa do passado da localidade que deixou saudade. Por exemplo, aqui nos fundos do nosso terreno passa uma vala hoje. Mas na época que vim pra cá essa vala era um rio onde a gente tomava banho e pegava pitu. Nesse

morro aqui da frente não existia nenhuma construção e a gente podia subir nele pra procurar objetos do passado, pegar manga... Tínhamos também o campinho de futebol do "manguinho" que hoje abriga parte de um condomínio. A gente ouve falar de tanta coisa do passado. Sabemos por exemplo que os rios daqui já foram navegáveis. O lugar ainda é um paraíso, mas – com certeza – muita coisa se perdeu com o tempo. Coisas que deixaram saudades (IEDA THOMÉ).

O carnaval aqui na Ilha era uma maravilha. Nos meus tempos de garoto existia aqui um rancho (uma espécie de clube) chamado Recreio dos Lavradores, pois, naquela época, no lugar só havia lavradores. O carnaval era uma delícia. Naquela Ilha, pisávamos em cima de meio metro de serpentina, era difícil até pra andar. Vinham blocos carnavalescos de várias localidades para o Largo da Ilha e concorriam com o bloco do Recreio de Guaratiba. Era uma coisa linda que acontecia aqui, há mais ou menos 60 anos. Como o Recreio dos Lavradores representava as lavouras e os agricultores do lugar, seus integrantes desfilavam caracterizados. Bons tempos àqueles. (SR. MÁRIO SARDINHA).

Quando adolescente, nosso lazer aos domingos era assistir o jogo do time do Ilha, que hoje acabou, em nosso campo de futebol (campo do Ilha futebol clube). Nosso clube, que é um dos símbolos do lugar, símbolo lindíssimo por sinal (idêntico ao do time do Botafogo), está jogado às moscas. A escola de samba, que também acabou, deixou saudade (GENESSI).

Pegar pitu no rio do Morgado, jogar futebol no Ilha Futebol Clube, as festas na praça onde todos se encontravam... Praticamente todas as pessoas do lugar se envolviam com esses eventos, que por mais simples que pareçam, são os que me trazem as melhores lembranças de Ilha de Guaratiba (MARLON).

Entre os símbolos construídos de Ilha de Guaratiba, os mais aludidos nos relatos acima são exatamente aqueles que atualmente se encontram em uma condição de opacidade, considerando-se o glamour e a luminosidade que acolhiam em outros tempos. Esse é o caso da quadra de ensaios do Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Guaratiba, da sede social do Ilha Futebol Clube e de seu campo, o estádio Hélio Pantaleão de Mello. Até os anos 1980, esses fixos resguardavam entusiásticas manifestações populares em meio às maiores paixões do brasileiro em geral e do guaratibano em particular, quais sejam o carnaval e o futebol.

O carnaval de rua em Ilha de Guaratiba sempre esteve entre os mais animados do perímetro em tela. Como salientou acima o Sr. Mário, na década de 1960, os festejos carnavalescos promoviam grandes ajuntamentos no principal logradouro do lugar, o Largo da Ilha, para onde convergiam foliões de várias localidades. Essa qualidade inata do guaratibano em promover tais folias culminou com o surgimento do bloco carnavalesco Unidos da Ilha de Guaratiba, criado em 1977. Wilson, conhecido na

localidade como Cicinho, que foi um dos precursores desta agremiação, relata que em seus primeiros anos, o referido bloco desfilava em Campo Grande, em um evento organizado pela Região Administrativa que reunia, também, outros blocos carnavalescos das redondezas. A partir de 1980, no entanto, o Unidos da Ilha de Guaratiba foi registrado na RIO-TUR, passando a compor a federação de blocos carnavalescos da cidade e a receber também recursos dessa entidade. Segundo Cicinho, o aludido bloco iniciou sua profissionalização compondo o grupo 8, passando a desfilarem em Padre Miguel. Como bloco carnavalesco, o Unidos da Ilha de Guaratiba chegou ao auge, como salienta abaixo um de seus mais entusiastas representantes.

O samba aqui na Ilha se oficializou em 1977, quando foi inaugurado o nosso bloco. No início, a gente disputava o carnaval com outras agremiações da Zona Oeste em um desfile promovido pela região administrativa de Campo Grande. Apenas em 1980 nos filiamos à RIO-TUR, passando a receber recursos para promover espetáculos melhores. Após a profissionalização, passamos a desfilarem em Padre Miguel no grupo 8. Olha, não tinha pra ninguém! Todo ano nós disputávamos o primeiro lugar. Foi assim que em 1992 chegamos à Avenida Rio Branco, já no grupo 1, e novamente levantamos o caneco. Chegamos ao ponto máximo como bloco. Não havia mais o que ganhar. No ano seguinte, a diretoria optou por transformar o bloco em escola de samba. Assim sendo, o Unidos da Ilha de Guaratiba deixou de existir, sendo substituído pelo G.R.E.S. União de Guaratiba. Começamos a desfilarem no grupo D, o penúltimo grupo na época, e daí em diante não ganhamos mais nada (CICINHO, 66 ANOS).

O autor do relato acima foi destaque em todos os vitoriosos desfiles da citada agremiação quando bloco carnavalesco, desfilando, igualmente, no alto do principal carro alegórico quando a mesma amargou uma das últimas colocações em seu primeiro desfile como escola de samba. Cicinho destaca também que até 1992, havia a participação maciça da comunidade nos desfiles:

Dos que desfilavam, a maioria era aqui da Ilha mesmo. Hoje, no entanto, a comunidade nem acompanha mais os desfiles que continuam acontecendo. Parece que eles (a nova diretoria da agremiação) até contratam pessoas de fora para os desfiles que continuam acontecendo, mas sem o glamour de outrora.

O futebol também imprimiu relevantes marcas no referido lugar. Exemplo disso é a evocação de muitos ao campo do Ilha Futebol Clube e à sua sede social, onde guaratibanos como Marcelo, Marlon e Genessi viveram momentos marcantes,

experiências que elevaram esses fixos, hodiernamente deteriorados, à condição de símbolos do lugar.

O Ilha futebol clube foi fundado em 1948 por um dos mais influentes guaratibanos da época, o Sr. Hélio Pantaleão de Mello. Seu campo, o Estádio Hélio Pantaleão de Mello, e sua sede social, o Clube do Ilha, foram durante décadas opções recreativas da localidade. Apesar de nunca ter se profissionalizado, o time do Ilha, na década de 1980, possuía torcida organizada. Os campeonatos, torneios e jogos promovidos pelo clube eram muito requisitados e disputados, estando o campo sempre apinhado de torcedores e admiradores do time. As atividades diurnas no campo eram intensas, havendo treinos e jogos das várias divisões de base que vigoravam: infantil, juvenil, segundo quadro e primeiro quadro. Nas noites de sexta, sábado e domingo, a diversão ficava por conta de animadas festas e bailes promovidos em sua sede social.

A evocação à quadra de samba e ao carnaval, bem como ao campo do Ilha e ao futebol como símbolos, refletem a significação desses fixos para pessoas que viveram ali momentos marcantes de suas vidas. A identificação com esses lugares, forjada por meio de experiências, os transformaram em símbolos imorredouros.

Outros elementos do passado também deixaram saudades, sendo lembrados nos relatos. Esse é o caso dos saudosos campos de pelada de duas décadas atrás que cederam lugar a inúmeras construções e também das então rotineiras pescas de pitu nos – antes cristalinos – e hoje poluídos rios do lugar. Como vemos, muitos dos símbolos de Ilha de Guaratiba remontam ao seu passado. No entanto, desde o momento em que o lugar se tornou mais visível do ponto de vista residencial, esses símbolos de outrora foram cedendo campo a novos simbolismos e a novas experiências que redundaram em geografias existenciais baseadas em uma nova relação com o lugar. Sobre o papel dessa visibilidade no processo de criação e de autenticação do lugar nos debruçaremos no próximo e último capítulo desta dissertação.

#### 4 **DECODIFICANDO GEOGRAFIAS EXISTENCIAIS DE ILHA DE GUARATIBA**

Comumente, os conceitos de espaço e lugar expressam – metafórica e respectivamente – as noções de escuridão e luminosidade (MELLO, 2000). No entanto, longe dos ditames positivistas e neopositivistas, não há uma regra preestabelecida para que espaços opacos, imersos por penumbra, alcem, através de sua iluminação ou claridade, ao patamar de lugar. Parafraseando Mello (2003), podemos apontar que o lugar pode perder ou receber tal condição dependendo das trevas ou do brilho com que o mesmo é embotado ou iluminado no transcurso do tempo. Em Tuan (1983, p.179) o “lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”. Sendo assim, “muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual” (TUAN, 1983, p. 180). Por maior que seja sua opacidade ou visibilidade, certos objetos ou lugares que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra (TUAN, 1983).

Para Tuan (1983, p. 184), o lugar é também “um reservatório de lembranças e sonhos”. Nesse ínterim, a notoriedade visual apenas, não se configura como uma garantia de que certos espaços tornem-se lugares. O profundo sentido de lugar resulta de uma combinação de fatores e valores históricos, culturais, econômicos, locais, existenciais, subjetivos, intersubjetivos, invisíveis e visuais (YÁZIGI, 2003). No tocante à linha de pensamento aqui empreendida, a visibilidade não estaria atrelada apenas às construções humanas e aos elementos da natureza que conferem valores visuais a determinados fixos. No entanto, não há como negar que esses atributos culturais e naturais, em muitos casos, representam fatores de transformação de determinadas localidades que, com isso, podem sofrer mudanças qualitativas ou não-qualitativas, dependendo das diferentes perspectivas de seus vivenciadores. Em relação ao ponto-de-vista diferenciado dos indivíduos com relação à visibilidade, Tuan (1983, p. 184) sublinha que “a maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídos para satisfazer necessidades práticas”. Nesse contexto, os mesmos adquirem visibilidade e significado tanto para os habitantes locais como para os de fora (TUAN, 1983)

Os limites de um lugar são existencialmente demarcados para seus residentes e vivenciadores. Ao contrário, o mesmo espaço representa uma incógnita para outsiders, visitantes e recém-chegados. Esse nicho de “ambigüidades, sentimentos topofílicos, temores e a maneira filosófica de agir das pessoas” (MELLO, 2000, p. 129), podem forjar espaços e lugares, respectivamente, por meio da valorização e da valoração de locais indiferenciados, tratados com relativa indiferença até mesmo por insiders (FERNANDES, 2006). Nesse sentido, a visibilidade relacionada aos atributos paisagísticos naturais e construídos torna-se elemento significativo, tanto para os insiders – que passam a conferir mais valor ao lugar vivido após sua valorização – quanto para os novos residentes que veem essas peculiaridades como fator indispensável para a valorização de um espaço que para eles era indiferenciado.

Deslocando esse embate teórico para a realidade de nosso foco de investigação, entendemos que o processo de valorização imobiliária que conferiu visibilidade ao espaço residencial de Ilha de Guaratiba promoveu significativas mudanças na existencial maneira de viver dos antigos e dos novos residentes da localidade. São essas metamorfoses existenciais que vicejam no bojo das mudanças espaciais que serão em seguida abordadas, a começar pelo papel desempenhado pela valorização no processo de criação do lugar dos recém-chegados ao sub-bairro.

#### **4.1 A valorização do espaço e a criação do lugar dos novos residentes**

A valorização – aqui entendida como valor absoluto ou valor objetivo, preço ou valor econômico atribuído a um dado objeto, bem ou área – quando relacionada às formas de moradia direcionadas pelo mercado imobiliário, pode se tornar esclarecedora para elucidar a dinâmica envolvendo o fenômeno da criação do lugar. Nesse sentido, a visibilidade, compreendida como o caráter visual de uma determinada localidade, pode ser a maior responsável para que essa área alcance um determinado status relacionado ao seu valor imobiliário, como ocorre com a maioria dos bairros de estratos de renda expressivos (TUAN, 1983).



Vejamos o que têm a dizer alguns residentes, que migraram e passaram a morar em Ilha de Guaratiba no decorrer de seu processo de urbanização, no tocante aos atributos que tornaram o lugar mais visível e atraente, do ponto de vista imobiliário:

Em Ilha de Guaratiba parece que não estou no Rio de Janeiro. Esse bairro é o único da cidade que não está favelizado ou ocupado. Trata-se de um vazio, de algo que ainda não aconteceu. É uma coisa meio interiorana, com ar de cidadezinha do interior. Costumo dizer que estou na periferia da Barra. Que outro bairro do Rio de Janeiro possui esses atributos? (LUIZ ALBERTO)

Eu morava na Tijuca, no entanto, com o problema da violência urbana e com os constantes assaltos resolvi me mudar pra cá. Além da tranquilidade e agradabilidade, a proximidade relativa com a Barra da Tijuca também influenciou em minha decisão (IEDA THOMÉ).

Ilha de Guaratiba pra mim é sinônimo de viver bem. Eu adoro viver e morar aqui, pois se trata de um misto entre a roça e a cidade. Tudo aqui é distante, de maneira que se faz necessário o carro ou a bicicleta para ir à padaria, por exemplo. Em contrapartida, possuo vizinhos maravilhosos e um clima de roça que adoro (CARMINHA, 40 ANOS).

Bom, escolhi Ilha de Guaratiba por ser um lugar tranquilo, aconchegante e com muita mata atlântica. Sempre desejei morar em um lugar com essas características, onde pudesse estudar, criar meus bichos e plantas, coisas que não eram possíveis em Copacabana (JOSÉ HUMBERTO).

Morávamos em Santa Tereza, eu e meu marido, mas precisávamos de mais espaço para desenvolver sua atividade como escultor. Estávamos procurando um lugar bonito, em contato com a natureza, lugar que encontramos quando chegamos em Ilha de Guaratiba. Esse é um dos poucos lugares do Rio de Janeiro que ainda dispõe de espaço físico e qualidade de vida (MARIA ELENA).

Minha mãe procurava um lugar mais tranquilo pra viver e criar seus filhos, fugindo da criminalidade e da violência urbana. Foi com esse objetivo que viemos aqui pra Ilha de Guaratiba. Além de ser tranquilo e agradável, o local possui essa coisa lúdica da roça (KLEBER).

Examinando os depoimentos acima, podemos concluir que, os atributos paisagísticos de Ilha de Guaratiba relacionados à natureza, sua atmosfera campestre, além da relativa calma e tranquilidade que seus residentes ainda podem gozar, foram, no entender desses novos moradores, as características que ajudaram a projetar a referida localidade à condição de seu novo lar. Contraoendo-se aos elementos qualitativos que conferiram esplendor e distinção ao lugar, está a verdadeira

“urbanofobia” que passou a se manifestar em muitas famílias do Rio de Janeiro devido à criminalidade, à violência e às demais problemáticas de outros bairros do espaço metropolitano. A desejável fuga da violência urbana, notabilizada nos depoimentos de Kleber e Ieda, para ser viabilizada, carecia de um lugar aprazível e diferente, onde uma nova vida pudesse então começar a ser tecida.

Quando não há um conhecimento prévio de uma dada área, a mesma, devido ao estranhamento que proporciona, configura um espaço (TUAN, 1983). No entanto, se esta área é dotada de elementos atrativos, paisagísticos, naturais ou construídos, pode agregar valores que lhe confira a distinção de lugar (FERNANDES, 2006). Amenidades e atributos podem criar sentido e significado de lugar. Além disso, se esses elementos qualitativos conferem qualidade de vida e um sentimento de orgulho aos seus habitantes, podem contribuir para o desenvolvimento de uma identificação que culmine com a transformação de um outrora espaço indiferenciado em lugar. Nesta direção, a panorâmica paisagística seria o evento gerador de um processo de valorização de um espaço, que devido a seus atributos locacionais, entre outros, passa a significar uma opção de moradia para indivíduos que até então o tratavam com indiferença. Com o passar do tempo, o que era espaço indiferenciado, após ser dotado de valor (paisagístico, visual, residencial, financeiro, religioso, cultural...), alça ao patamar de lugar (TUAN, 1983).

Em muitos casos, são os meios de propaganda e os agentes imobiliários os grandes responsáveis por conferir ressonância a uma determinada área (TUAN, 1983). Inerente a esse processo, as periferias metropolitanas dotadas das amenidades referidas neste texto, são apresentadas como o melhor lugar do mundo para se viver, exatamente por agregar simultaneamente o melhor do rural e do urbano, como preconiza Tuan (1980).

Diversos fatores têm contribuído, desde meados dos anos 1970, para a formação e consolidação de fenômenos de auto-segregação protagonizados pelas elites urbanas. Dentre esses fatores, se destacam a deterioração da qualidade de vida nos bairros residenciais privilegiados, devido aos congestionamentos e a poluição (auditiva, visual e atmosférica), a procura por novos espaços residenciais exclusivos e que apresentem amenidades naturais, o aumento da criminalidade e a sensação de insegurança a ela

vinculada (SOUZA, 2000, 2008; TUAN, 1998, 2005). Essa espécie de escapismo das elites urbanas que, em meio aos inúmeros problemas metropolitanos, se esquivam de bairros tradicionais para certos espaços periurbanos, é esclarecedora na elucidação do fenômeno efetivado pelo processo de valorização imobiliária que passou a conferir maior reconhecimento ao espaço de Ilha de Guaratiba.

Os fatores citados por Marcelo Lopes de Souza (2000) como os grandes responsáveis pelo escapismo das elites urbanas para áreas segregadas espacialmente, como condomínios e outras áreas residenciais “exclusivas”, são os mesmos mencionados pelos novos residentes de Ilha de Guaratiba como a causa de sua vinda para o lugar. Se de um lado, moradores como Ieda Thomé e Kleber citam a questão da violência urbana, inerente aos bairros nobres e/ou de classe média, como o grande motivo de sua fuga para o local, de outro, residentes como Luiz Alberto, José Humberto, Maria Elena e Carminha, preferem exaltar os atributos da localidade como preponderantes para a escolha desta porção da periferia metropolitana como seu novo lugar.

Pertinente ao escapismo, Tuan (1998) aponta que, quando rodeado de problemas ou em meio a momentos de estresse e incertezas, o indivíduo tende a “escapar” de sua realidade, caminhando por outros mundos. Em momentos difíceis ou em meio a problemas, é uma necessidade humana comum o desejo de escapar do espaço que lhe angustia, buscando um escape que lhe possibilite a concretização de seus sonhos em meio a ambientes topofílicos (GALLAIS, 2002; MELLO, 2001; TUAN, 1980, 1983, 1998).

A valorização imobiliária que conferiu esplendor à porção periférica em foco, produziu em seus domínios um novo lugar para os recém-chegados. Esta valorização, responsável pela criação do lugar dos novos residentes, no entanto, gerou também uma espécie de valoração dos antigos guaratibanos por sua base territorial experienciada, valoração esta que culminou com o estreitamento dos vínculos com seu universo vivido, sequência que tentaremos elucidar em seguida.

#### 4.2 A valoração e o estreitar dos laços com o lugar dos antigos guaratibanos

Existe uma máxima, empregada habitualmente pelo senso comum, segundo a qual, “as pessoas só dão valor às coisas depois que as perdem”. Tal axioma revela uma tendência humana comum, uma vez que, a ausência de um bem essencial, de uma característica ou objeto relevante, ou de uma pessoa amada ou querida, em muitos casos, nos leva a reconhecer a importância de sua existência ou presença. Nesse sentido, presença e ausência estão dialeticamente relacionados, uma vez que a ausência da pessoa amada, por exemplo, pode ser a maior responsável por sua presença em nossa mente e coração (LEFEBVRE, 1983). Não apenas a ausência, mas também o medo de que algo imprescindível seja perdido, pode vir a desencadear uma série de mudanças na postura e na existencial maneira de viver de determinados indivíduos e grupos sociais.

Isso posto, podemos deduzir que a inquietação dos antigos guaratibanos, causada por receio ou suspeita da rivalidade representada pela presença de novos moradores em seu lugar, pode ter sido o preâmbulo de uma nova relação com seu universo vivido, como nos apontam as declarações abaixo:

No passado, sentíamos falta do ativismo e da agitação inerente aos bairros urbanos e da cidade como um todo. Assim sendo, aquela vida pacata e tranquila não era valorada. Hoje, no entanto, ao perceber a chegada de pessoas que vêm daqueles mesmos bairros que invejávamos, muitos de nós acabamos caindo na real, passando a reconhecer que isso aqui tem valor. Na minha concepção, é isso que vem mudando o comportamento e a relação de algumas pessoas com o lugar (EVANIR DE SOUZA).

A partir do momento que famílias de outros lugares vêm morar aqui, pessoas de certo poder aquisitivo, evidentemente, isso vai valorizar o local. A maioria das pessoas da localidade vão entender isso como algo positivo, uma vez que sentirão seu lugar ser valorizado. Essa é a minha visão. Acho que a chegada dos novos moradores representou um salto qualitativo para o lugar e também para a maioria de seus moradores (PAULO CÉSAR).

Quando o antigo morador percebe que quem vem de fora possui um padrão de vida mais elevado, acaba caindo em si e reconhecendo que isso aqui tem valor. Ele não havia se dado conta do quanto isso aqui era e é bom. À medida que as pessoas de fora reconhecem isso aqui como um paraíso, o morador local muda sua atitude anterior, deixando de ser indiferente em relação ao seu lugar (MARCELO PAES COSTA).

A cada ano que passa o guaratibano dá mais valor a esse lugar. Há 20 anos, muitas pessoas saíam daqui pra morar em outros bairros. Hoje, no entanto, ninguém sai, e os que saíram querem voltar e não conseguem, porque ninguém mais quer vender o direito e o privilégio de morar nesse lugar (MÁRIO SARDINHA).

O problema de Ilha de Guaratiba era a propaganda negativa que os próprios guaratibanos faziam do lugar. Muitos acreditavam que residiam onde Judas perdeu as botas ou onde o vento faz a curva. A valoração depende da vontade de quem mora em valorar ou não o seu lugar. Precisou vir gente de fora para que os guaratibanos reconhecessem seu lugar (YARA BARBOSA).

Observando os citados relatos, notamos que, no tocante ao caso específico de Ilha de Guaratiba, a valorização imobiliária que desencadeou o processo de mudança espacial em voga na localidade, além de ter criado um novo lugar para os recém-chegados, produziu, igualmente, uma verdadeira metamorfose existencial em seus antigos moradores. Enciumados, perplexos e assustados por assistir seu mundo vivido sendo invadido por pessoas e famílias oriundas de outros bairros em meio a este processo de invasão-sucessão (CORRÊA, 2000), guaratibanos de longa tradição, passam a reforçar ainda mais seus laços com o universo vivido em tela que pulsa ainda mais na condição de lugar.

A valoração – aqui entendida como valor abstrato e subjetivo, estima, valor afetivo, carga identitária (HAESBAERT, 2004), referenciais para a construção de identidades espaciais e sentimento de pertencimento (SOUZA, 2004) – denota o valor simbólico e/ou filosófico atribuído a determinado lugar, podendo ser construída a partir de experiências vividas. A passagem de espaço para lugar envolve, principalmente, o valor simbólico e afetivo da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, no entanto, o valor econômico, ou de outras esferas, conferido a um fixo, logradouro ou área, pode ser um elemento fundamental para a construção de vínculos e sentimento de pertença. Nessa trilha, podemos então inferir que, em casos específicos, a valorização de um determinado espaço pode produzir sua valoração e consequente transformação em lugar (FERNANDES, 2006).

Considerando que o indivíduo não é distinto de seu lugar (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982), concluímos igualmente, que os eventos que ocorrem em certa localidade podem influir, direta ou indiretamente, na vida daqueles que a vivenciam.

Metamorfoses espaciais são canalizadas pelo ser humano e, logicamente, incidem também sobre homens e mulheres, podendo mudar sua forma de viver e até mesmo a maneira como se relacionam com seu lugar vivido. Nestas circunstâncias, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, forjado na lida do dia-a-dia, pode ser enfraquecido ou reforçado, dependendo do modo como as mudanças são incorporadas.

Por meio da leitura dos depoimentos utilizados nesta escala investigativa, captamos que, antes da especulação e da valorização imobiliária que foram, concomitantemente, causa e consequência da chegada de novos residentes em Ilha de Guaratiba, o local era tratado com certa indiferença até mesmo por alguns de seus moradores. Muitos, por acreditar que moravam no “fim do mundo” ou “onde Judas perdeu as botas”, desejavam lugares mais luminosos, onde os atributos da urbanidade lhes proporcionassem uma vida mais dinâmica e interessante. Para esses, Ilha de Guaratiba não passava de um espaço indiferenciado, uma vez que não era dotado de valor (FERNANDES, 2003; TUAN, 1983). Entretanto, após a valorização que conferiu relevância ao local, os antigos residentes, ao notar seu espaço sendo apossado por pessoas oriundas de bairros nobres da cidade, mudam sua opinião e seu ponto de vista com relação ao mesmo. Desse momento em diante, muitos guaratibanos passam a dar mais valor ao seu mundo vivido. Essa valorização, emergindo a partir da valorização, desencadeou uma mudança de postura nos moradores locais que passaram a nutrir por seu mundo vivido novos sentimentos, embasados em novas relações (FERNANDES, 2006). A indiferença, o desprezo, o desdém, a rejeição, a desconsideração, o desinteresse, a apatia e a insensibilidade de outrora, são então substituídos pela admiração, orgulho, afeição, simpatia, satisfação, amor e demais sentimentos valorativos responsáveis por relatos verbais que, tanto expressam relações íntimas com o lugar, quanto demonstram sua expressão como tal. São esses sentimentos topofílicos dos guaratibanos, manifestos a partir de novas experiências com seu mundo vivido, que tentaremos captar em seguida.

### 4.3 Topofilia: experiências íntimas com o lugar

A despeito de certa indiferença com que Ilha de Guaratiba era tratada, tanto pelos insiders quanto pelos outsiders de então – fenômeno salientado no tópico anterior – e mediante a série de acontecimentos que provocou as mudanças espaciais e existenciais, igualmente dissecadas nesta pesquisa, emergiram, no bojo desse processo, experiências íntimas que culminaram com a aquisição de um lugar por excelência. Essa autenticidade pode ser identificada e reconhecida através dos belos discursos transcritos abaixo, todos referentes a relatos de guaratibanos que, através das experiências íntimas vivenciadas em sua base territorial comum, construíram identidade, afinidade, afetividade e uma série de outros sentimentos topofílicos, outorgando-lhe a distinção de lugar.

Ilha de Guaratiba é o meu basilar, é a minha casa. Sou muito grato ao meu bom Deus por Ele ter permitido esse encontro. Nesse lugar encontrei pessoas maravilhosas, além de um ambiente com o qual possuo uma relação muito forte e íntima. Não consigo me imaginar vivendo em outro lugar (PAULO CÉSAR).

Paulinho, como é melhor conhecido o funcionário público Paulo César, nasceu e foi criado nas proximidades de Ilha de Guaratiba, construindo afinidade com o lugar por meio do futebol e das festas comuns na localidade. O estreitamento dessa relação, no entanto, eclodiu quando Paulinho casou com uma moradora do local e veio residir em Ilha de Guaratiba. A paixão de Paulo César pelo local é tamanha, que ele atribui ao Criador o fato de ter se encontrado com o lugar, como se o mesmo fosse uma pessoa, um ente querido. Chama atenção também o apego do referido morador às pessoas do lugar, comprovando que “quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional” (TUAN, 1983, p.175).

Ilha de Guaratiba sempre foi o meu ninho, sempre foi o lugar, o melhor lugar pra ficar. Quando mais jovem, tinha uma namorada que vivia me pedindo pra largar esse lugar, mas sempre respondia: não dá pra deixar isso aqui. Em que outro lugar a gente encontra um céu estrelado como esse? E essa brisa fresca? Esse clima diferenciado? Essa vegetação? Esses pássaros em volta de nós? Essas flores e plantas? Esse contato com a vida? Aqui tem tudo o que preciso pra viver (MARCELO PAES COSTA).

Chel, codinome do paisagista Marcelo, é um daqueles guaratibanos que sente um profundo orgulho de ser natural do lugar onde também foi criado. Os laços topofílicos entre Marcelo e Ilha de Guaratiba foram construídos ao longo de quarenta e um anos de experiências vividas no referido sub-bairro, vivência responsável por um forte apego e identificação com o lugar. Ao contrário de Paulinho, que salienta a relevância das pessoas e das relações interpessoais como maior estímulo para sua identificação com o lugar, Chel prefere exaltar os atributos naturais e paisagísticos do local, denotando serem esses os maiores responsáveis pelo vínculo entre ele e seu mundo vivido.

Aqui é onde me sinto bem, ambientado e completo. Nasci aqui, minha esposa nasceu aqui, meus pais nasceram aqui. Meus planos e sonhos se remetem sempre a algo a ser construído aqui. Nunca cogitei em ir para outro lugar, pois é aqui que desejo construir minha vida. A questão afetiva pesa muito nesse tipo de decisão. Além disso, gostaria de contribuir, de alguma maneira, com Ilha de Guaratiba por tudo aquilo que me proporcionou desde a infância. Por ser tão especial pra mim, eu quero muito o bem desse lugar, e o que eu puder fazer pra ajudar... (MARLON).

As proposições de que “os lugares são entes queridos merecedores de consideração” e de que na “simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados pessoas e pessoas como lugares” (POCOCK, 1981, p.337) são aludidas no relato acima. Nele, o paisagista Marlon enfatiza querer o bem de Ilha de Guaratiba como se o referido lugar fosse uma pessoa merecedora de sua consideração e estima por tudo que lhe proporcionou ao longo de seus trinta e cinco anos de vida. Em sua exposição afirmando sentir-se completo no citado sub-bairro, Marlon ratifica a premissa humanística segundo a qual “o lugar é um trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa” (MELLO, 1991, p.50).

Em Tuan (1980), o termo topofilia é definido de diferentes maneiras, dentre as quais “as manifestações do amor humano pelo lugar” (p.106), “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (p.107), enfim, este termo está sempre associado ao sentimento do indivíduo para com o lugar (p. 129). A filiação, vinculação, afeição, amor, identificação e demais sentimentos qualitativos das pessoas para com



determinado ambiente , no entanto, são estabelecidos mediante experiências íntimas, na qual esse meio físico é alçado ao patamar de lugar (TUAN, 1883). O intenso, sentimento de amor pelo lugar, no entanto, muitas vezes é aprofundado por acontecimentos simples, uma vez que

As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos “é este”, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabam de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro. Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar (TUAN, 1983, p.158).

As experiências íntimas, portanto, não estão necessariamente vinculadas a acontecimentos de vulto, mas sim a eventos corriqueiros do dia-a-dia que, apesar de sua aparente simplicidade são, igualmente, responsáveis pelo apego das pessoas ao seu lugar vivido. Sendo pessoais e individualizadas, essas experiências íntimas são difíceis de serem expressadas (TUAN, 1983), traduzidas e decodificadas. Quando reveladas por meio de relatos falados ou escritos, contudo, essas vivências manifestam belas histórias de amor dos indivíduos e grupos sociais por seu lugar, onde o mesmo é situado pelas pessoas como sua própria extensão. Nesse sentido, em meio a introjeções, o indivíduo não consegue se distinguir de seu lugar, não havendo, nesse caso, separação entre sujeito e objeto (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982; RELPH, 1976; SCHULZ, 1979). Em relação à pertinente simplicidade das experiências que podem levar os indivíduos a se apegar ao lugar, o depoimento a seguir pode se mostrar esclarecedor:

Esse lugar me formou e permitiu que minha subjetividade desabrochasse. Ele me influenciou em tudo. Foi onde vivi momentos de solidão. Hoje, no entanto, tenho com ele um enorme vínculo. É onde pretendo criar meus filhos. Aqui eu aprendi a dar valor à simplicidade, às pessoas que vivem da terra e aos hábitos como ir ao mangue pegar guaiamu, ir à roça pegar aipim, além de outros valores simples como juntar as pessoas pra comer, beber... Esse sentido de comunidade de poder cumprimentar e conversar com as pessoas na rua. Essa proximidade com as pessoas eu aprendi aqui, onde me sinto em casa (KLEBER).

Em relação ao sentimento de pertença que faz com que Kleber se sinta em casa no referido lugar, Schutz (1979, p. 291) discorre que “sentir-se em casa é uma

expressão do mais alto grau de familiaridade e intimidade” e significa, entre outras coisas, costumes, valores, hábitos pessoais, tradições, um estilo peculiar de vida, composto de pequenos elementos importantes e queridos (SCHUTZ, 1979). No caso específico do sociólogo Kleber, podemos entender que foram exatamente essas peculiaridades do dia-a-dia que exerceram as maiores influências, tanto sobre sua individualidade, quanto sobre o forte vínculo que construiu com o lugar. Sendo oriundo da Tijuca, de onde veio com sua família ainda criança em 1982, Kleber teve que superar momentos de solidão até se adaptar ao seu novo ambiente. No entanto, o desconforto inicial foi com o tempo sendo substituído por um irresistível apego por seu novo “lar”. Esse episódio evidencia que o amor pelo lugar, bem como o sentimento de pertença e de filiação a ele atrelado, não reside no fato de ser seu “filho legítimo”, estando associado, principalmente, às experiências emocionais vividas em determinado espaço que através desses laços afetivos transforma-se em lugar. Nessa trilha, da mesma maneira que o amor dos pais por seu filho adotivo encontra-se vinculado às experiências e não aos laços de sangue, o amor de um indivíduo por seu lugar não está subordinado ao fato de ter nele nascido, mas sim às vivências, contatos, relações, convivências, aprendizados e valores em meio a parentes, amigos, conhecidos, sentimentos e assim por diante, compondo um todo de estranhamentos, aderências e pertencimentos (MELLO, 2000). Por meio de intensas experiências íntimas, como as vividas por Kleber em Ilha de Guaratiba, o lugar pode vir a ser o centro (umbigo) do mundo para determinados indivíduos e grupos sociais.

#### **4.4 Etnocentrismo: o lugar como centro (umbigo) do mundo**

Para muitas pessoas que já ouviram falar do local em foco, o mesmo não representa mais que uma área periférica indiferenciada, distante de tudo e de todos. No entanto, como a paixão vivida não comunga com pensamentos embotados, distantes, há guaratibanos que situam o seu lugar no centro do seu mundo. No tocante à postura etnocêntrica, é representativo o relato abaixo:

O pior período da minha vida foi quando tive que deixar Ilha de Guaratiba. Por causa do meu filho, tive que mudar para Jacarepaguá, onde morei por 16 anos. O fato de ter residido em outro bairro, no entanto, acendeu ainda mais o meu amor por esse lugar. Eu vinha pra cá praticamente todos os dias, pois aqui estava minha mãe, meu trabalho, minhas coisas, minha vida. Sempre estive ligado a esse lugar, e na primeira oportunidade que tive, voltei correndo pra cá e nunca mais saí, e nem pretendo.

Quando faço viagens longas, nos dois primeiros dias ainda fico desejoso em conhecer coisas e locais. No entanto, após o terceiro dia me bate uma vontade louca de voltar para o meu lugar. A parteira que me ajudou a nascer deve ter enterrado meu umbigo nesse pedaço de chão. Talvez isso explique a causa de tamanho prazer em voltar pra casa quando estou viajando. Quando morava em Jacarepaguá não tinha muita vontade de voltar para casa, mas pra cá desejo sempre voltar e sinto prazer em permanecer.

Em dias de feriado ou em finais de semana que não têm ninguém em minha chácara, dar uma caminhada aqui por dentro é a coisa mais satisfatória. Ah! É muito complicado falar de minha ligação com Ilha de Guaratiba. Talvez a frase que mais se aproxime de uma adequação seja “uma relação de unha e carne”. De qualquer forma, é muito pouco para descrever o que sinto realmente. Faltam palavras... (EVANIR DE SOUZA).

Uma vez que o lugar, em sua condição de estabilidade e confinamento, nos remete a uma sensação de lar íntimo e humanizado e em um nicho de proteção e convivência construído na lida do dia-a-dia, obviamente, o afastamento deste ponto de apoio e bem querência constitui um desencontro que produz desencanto e descontentamento. Foi essa a sensação que teve Evanir de Souza quando precisou ficar distante de sua arena de lutas e bem querência que desbravava com singular desenvoltura (MELLO, 1991; 2000; TUAN, 1983, 1998). O referido empresário faz questão de descrever também sobre a saudade que sente de seu lugar quando está viajando. Nesse sentido, seu relato vai de encontro aos postulados fenomenológicos de Schutz (1979) quando o citado pensador aborda algumas questões relacionadas ao retorno ao lar.

O que, entretanto, deve ser entendido por “lar”? “Lar é de onde se parte”, diz o poeta. “Lar é o lugar para onde o homem tem intenção de retornar quando está longe”, diz o jurista. O lar é o ponto de partida assim como ponto terminal. É o ponto zero do sistema de coordenadas que atribuímos ao mundo a fim de nos movimentarmos dentro dele. Geograficamente, “lar” significa um certo local da superfície da Terra. Onde por acaso eu me encontro é o meu “domicílio”; onde tenho intenção de ficar é a minha “residência”; de onde venho e para onde quero retornar é o meu “lar”. No entanto, lar não é apenas o local – minha casa, meu quarto, meu jardim, minha cidade – mas tudo o que ele simboliza. O caráter simbólico da noção de “lar” é emocionalmente evocativo e difícil de descrever. Lar significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Significa, é claro, a casa paterna, a língua materna, a família, o amor, os amigos; significa uma paisagem querida, “canções que minha mãe ensinou”, comida preparada de um determinado modo, coisas familiares para uso diário, costumes, hábitos pessoais

– em suma, um estilo peculiar de vida, composto de pequenos elementos importantes e queridos (SCHUTZ, 1979, p. 290-291).

Ao fim do seu relato, Evanir de Souza ainda busca uma resposta plausível que possa justificar o profundo apego e apreço que sente por seu lugar, recorrendo a um antigo hábito que consiste no enterramento do umbigo externo das crianças. Esse costume, bastante comum na época em que a maioria dos partos era feito por parteiras nas próprias residências, simbolizava o vínculo do infante que acabara de nascer, com o lugar onde nasceu. Após o belo discurso que evidenciou uma profunda estima por sua base territorial, Evanir de Souza nos surpreende ao afirmar ser indescritível sua relação com Ilha de Guaratiba. Como se sabe, as experiências íntimas, responsáveis por situar uma área afetivamente demarcada no centro do mundo de determinadas pessoas são mesmo difíceis de comunicar. Por mais belas que sejam, essas evocações parecem estar sempre aquém da profundidade e das experiências que nos remetem a um centro pleno de valores (SCHUTZ, 1979).

Na concepção de Gomes (2007), a primeira característica fundamental do humanismo retomada pela geografia concerne na incontornável visão antropocêntrica, segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas. Ademais, os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a situar o seu lugar vivido como o centro do mundo. Neste contexto, o egocentrismo e o etnocentrismo tornam-se traços humanos universais (TUAN, 1980). Com base em Tuan (1980), Mello (1991, p.202) descreve o etnocentrismo como:

Um fenômeno universal de supervalorização do “centro”, “umbigo”, “mais saudável” ou “melhor lugar do mundo” e pode também ser compreendido como egocentrismo coletivo. As pessoas do “centro” estabelecem discriminação entre “nós” (“superiores”) e “eles” (“de menor valor”, “de cultura inferior”) olhando para estes de forma “blasé” e, por vezes, com apatia, sarcasmo ou agressividade.

A noção de centro é uma das mais relevantes manifestações culturais, uma vez que, comumente, as pessoas tendem a situar o lugar em que vivem como o mais importante e favorável, e como o centro do seu mundo. “Todos os povos antigos põem-se como centro das relações e organizam o que entendem por mundo nessa referência”. Nesse sentido, o topo é uma noção correlata. “Todo um simbolismo

religioso e cartográfico deriva dessa centralidade, organizando a concepção e a relação geográfica desses povos” (MOREIRA, 2009, p. 67). De acordo com crenças indianas, o Monte Meru estaria erguido no centro do mundo. Já uma crença iraniana afirma que a montanha sagrada de Elburs estaria situada no ponto central da Terra. O nome do Monte Tabor, na Palestina, poderia significar “umbigo”. O monte Garizim, na região central da Palestina, sem dúvida alguma desfrutava do prestígio de lugar central, pois era chamado de “umbigo da Terra” (ELIADE, 2007). A Palestina, segundo antiga tradição até hoje preservada na região, na sua condição de país mais alto por estar perto do cume da montanha cósmica, não teria sido encoberta pelo dilúvio. Um texto rabínico afirma: “A terra de Israel não foi submergida pelo dilúvio”. Para os cristãos,

O Gólgota estava situado no ponto central do mundo, já que era o cume da montanha cósmica e, ao mesmo tempo, o lugar onde Adão tinha sido criado e sepultado. Assim, o sangue do Salvador é derramado sobre o crânio de Adão, enterrado precisamente aos pés da Cruz, servindo para sua redenção. A crença de que o Gólgota estaria situado no centro do mundo ainda é preservada no folclore dos cristãos orientais (ELIADE, 2007, p.24).

Por meio das crenças as quais fazemos menção podemos depreender que cada cidade oriental estava localizada no centro do mundo. Para alguns desses povos, o ponto mais alto da montanha cósmica não seria apenas o ponto mais elevado da Terra, mas também o umbigo do mundo, o ponto no qual começou a criação. Algumas tradições explicam o simbolismo do centro em termos tomados da embriologia, segundo o qual “o Ser Divino criou o mundo como um embrião. Do mesmo modo que o embrião começou a passar do umbigo em diante, Deus começou a criar o mundo do umbigo em diante, e , a partir daí, ele se espalhou em diferentes direções” (ELIADE, 2007, p. 25). Nesse ínterim, o mundo teria sido criado a partir de Sião e o universo concebido a partir de um ponto central. A criação do homem também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo (ELIADE, 2007).

Segundo tradição mesopotâmica, o homem teria sido formado no “umbigo da Terra”. Assim sendo, o Paraíso, onde Adão foi criado a partir do barro, encontra-se localizado no centro do cosmo. O Paraíso era o umbigo da Terra, e, segundo uma tradição síria, teria sido estabelecido em uma montanha mais alta do que todas as outras. Adão teria sido criado no centro da Terra (ELIADE, 2007). Partindo da premissa

de que a criação derivou a partir de um centro, podemos presumir igualmente que qualquer lugar fundado tem sua edificação no centro do mundo dos indivíduos que o estabeleceram como lar, abrigo, refúgio e morada.

A quimera relacionada ao tipo de centralidade aqui exposto é, segundo Tuan (1980), necessária para a manutenção da cultura. Para o referido pensador, quando a crua realidade despedaça a ilusão de que o nosso lugar é superior, é possível que a própria cultura decline. Mesmo sabendo que não estão no centro das coisas no sentido literal, é necessário que algo dessa fé esteja presente nas pequenas comunidades para que elas prosperem (TUAN, 1980). O progresso advindo da crença humana de que o seu universo vivido localiza-se no centro do mundo, entretanto, não estaria necessariamente atrelado a números, quantidades e aos demais valores objetivos (valorização). A centralidade, neste caso, estaria associada a uma série de valores subjetivos (valoração) baseado na subjetividade ou na intersubjetividade dos indivíduos e grupos sociais. Sendo o valor subjetivo uma relação entre o sujeito que valora e o objeto valorado, atribuir valor a um lugar é não ficar indiferente a ele. A não-indiferença é a principal característica do valor, uma vez que não ficamos insensíveis diante de determinado lugar que capta nosso afeto e simpatia, pois somos sempre afetados e influenciados por ele. Valorar é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de toda escolha da vida (ARANHA; MARTINS, 1992). Dentre essas escolhas está a eleição da porção espacial que se distinguirá de todas as demais, não necessariamente por sua forma-conteúdo, mas devido às experiências, ao sentimento de pertença, à afetuosidade e aos demais valores qualitativos que seus vivenciadores nutrem por ela, valoração esta que focalizará este outrora espaço indiferenciado no umbigo do mundo, como centro do universo.

Diferentemente da teoria social crítica tradicional – na qual o conceito de lugar está vinculado à esfera local (CARLOS, 1996; SANTOS, 2002) – na perspectiva humanística, tal aforismo, por não possuir escala definida, torna-se demasiadamente difuso uma vez que, tanto pode designar um assento, quanto abarcar o mundo todo (TUAN, 1983). Todavia, o mesmo Tuan que retoma a máxima que define a Geografia como “o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p. 89), aponta também que “a topofilia soa falsa quando é manifestada por um extenso território” (TUAN, 1980,

p. 116). No entanto, o amor patriótico, significativo em sua dimensão, pode contrariar suas elucubrações. Para o citado geógrafo, os sentimentos topofílicos necessitam de “um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos”. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela indica ser uma unidade natural, pequena o suficiente para ser conhecida pessoalmente (TUAN, 1980, p. 116-117). Nesse campo, o lugar se confunde com a esfera local, sendo também o lócus do cotidiano “responsável pelas paixões humanas por meio da ação comunicativa e por diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2002, p. 322).

Ilha de Guaratiba é uma dessas pequenas comunidades, proclamadas por seus moradores, local em que o cotidiano pulsante transformou em um centro pleno de valores, um todo indissociável formado por pessoas, amigos, conhecidos, parentes, base territorial, evocações e outras referências que permitem aos seus vivenciadores a agradável sensação de se sentirem em casa ou até mesmo emersos no centro-coração do mundo (MELLO, 1991, 2000; TUAN, 1980, 1983, 1998), como sugere o relato abaixo.

Aqui eu fiz a minha casa permanente. Os umbigos de meus filhos eu enterrei aqui. Os umbigos dos meus netos serão enterrados aqui. Eu fiz aqui a minha casa permanente e é em nossa casa definitiva que um pedaço de nossa pele deve ser enterrado. Aqui já tem um pedaço de mim enterrado porque escolhi esse lugar para viver e construir minha casa de vida, a casa onde escrevo e onde vivo os melhores momentos de minha vida.

Copacabana é onde eu moro para ser médico, ou seja, é meu local de trabalho. Aqui não! É nesse lugar que me completo. Ele é diferente de todos os outros porque a minha relação com ele é diferente. Aqui eu fiz e tenho a melhor amiga do mundo, que é a dona Seci; tenho o meu afilhado, que adoro; tem esse estilo de lugar pequeno que sempre gostei, ou seja, coisas simples que correm o risco de desaparecer com a chegada das grandes imobiliárias, sendo substituídas pela metrópole (JOSÉ HUMBERTO RESENDE).

Ao contrário de Evanir de Souza, que nasceu e foi criado em Ilha de Guaratiba, José Humberto Resende é apenas um dos muitos proprietários de segunda residência da localidade. O citado médico, que reside em Copacabana, adquiriu no local uma propriedade onde, há décadas, costuma se refugiar em suas férias, finais de semana e feriados. Esses fatos impulsionaram o Doutor Humberto, como é mais conhecido, a desenvolver o halo afetivo pelo referido lugar. Esse carinho desmedido é explicitado em

seu relato que revela, entre outras coisas, consideração, apreço, estima, respeito e preocupação com o lugar que escolheu como centro em suas emoções. A consideração, apreço e estima evidencia-se pelo notório apego do citado médico pelo lugar que aprendeu a amar. Já o sentimento de respeito e preocupação fica patente quando José Humberto, em meio às mudanças espaciais que vige no local, teme que o mesmo seja profundamente alterado, perdendo suas principais características e tomando a atmosfera da metrópole que o cerca.

As palavras finais do Dr. Humberto tornam-se esclarecedoras para elucidar a complexa dinâmica que envolve as transformações espaciais abordadas no segundo capítulo deste trabalho dissertativo. Por meio de sua fala, podemos concluir que a continuidade do processo que proporcionou seu encontro com o lugar no passado, representa hoje um risco à manutenção do mesmo, uma vez que as características responsáveis pela sucessão do evento que vige, corre o risco de metamorfosear-se ou até mesmo desaparecer no bojo desse conjunto de fenômenos espaciais que incidiu sobre Ilha de Guaratiba.

Como participantes e integrantes da referida porção espacial, observamos que a emergência e o desenrolar do referido processo contribuiu decisivamente para o despertar de uma afinidade e bem querência pelo lugar que têm levado os novos e antigos guaratibanos a entenderem o canto do mundo no qual habitam como o centro/umbigo/coração do mundo – combinando com a tendência comum das pessoas considerarem o canto do mundo no qual habitam como o único favorável, e os seus costumes e hábitos como a quintessência humana (TUAN, 1980, 1986).



## 5 PALAVRAS FINAIS

Ao longo desta dissertação, vimos que vários cientistas sociais – principalmente após a década de 1970 – têm se empenhado em criticar a visão reducionista do homem, postulada pela ciência positiva, tendência que favoreceu aos geógrafos humanísticos a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo. A referida corrente do pensamento geográfico se opõe igualmente ao positivismo, na tentativa de superar-lhe o reducionismo. Alguns filósofos como Wilhelm Dilthey (1833-1911), no entanto, na passagem entre os séculos XIX e XX, já criticavam a tendência cientificista, naturalista e positivista que norteava as ciências humanas de então. Para o citado cientista, precursor da hermenêutica, os fatos referentes ao espírito ou à alma não se assemelham aos processos naturais, por se referir ao mundo humano da significação e do valor. Sendo assim, o nicho de valorações e demais sentimentos provenientes da subjetividade e da intersubjetividade não deve ser retirado do contexto histórico dos indivíduos e grupos sociais, não sendo possível formular leis objetivas sobre o mesmo, mas sim buscar sua compreensão e interpretação (ARANHA, 1996; ARANHA; MARTINS, 1992; JAPIASSÚ, 1975).

Neste percurso, o positivismo seria responsável por uma fábula, uma vez que por meio desta inclinação, a ciência se torna um mito, passando a ser considerada a única forma adequada de conhecimento em detrimento de outras possíveis abordagens do real. Trata-se, portanto, de uma perspectiva deformada do saber pois, ao admitir que o conhecimento verdadeiro refere-se apenas ao que pode ser provado, experimentado e, portanto, objetivo, incorre em um reducionismo que limita as abordagens referentes ao ser humano - que por pensar, sentir, sonhar e filosofar – sugere que sua subjetividade seja foco das pesquisas científicas. Aliás, foi da pretensa objetividade apregoada pelo ideário positivista que derivou o “mito da neutralidade científica”, segundo o qual as pesquisas científicas estariam à margem da influência social, cultural ou política, se ocupando o cientista da descrição dos fenômenos, sem interferir nos estudos.

A fenomenologia, como sabemos, foi uma das primeiras filosofias a fazer oposição ao reducionismo e ao cientificismo das ciências ditas positivas. Enquanto o positivismo requer um conhecimento científico cada vez mais neutro, despojado de

subjetividade e, por conseguinte, distante do homem, a fenomenologia propõe a retomada da humanização da ciência, com nova relação entre sujeito-objeto e homem-mundo, considerados metades inseparáveis. Como doadora de sentido e fonte de significado para o mundo, a consciência não se restringe ao mero conhecimento intelectual, mas é geradora de intencionalidades não só cognitivas como afetivas e práticas. O olhar sobre o mundo é o ato pelo qual o homem experiencia seu universo vivido, imaginando, julgando, amando, temendo, sonhando. Nesse sentido, o universo que vivencio é um mundo para mim, daí a importância do sentido, da rede de significações que envolve o que é captado ou compreendido sensorial, mental ou psicologicamente (ARANHA, 1996; ARANHA; MARTINS, 1992; JAPIASSÚ, 1975).

A imagem mítica do cientista ignora que ele faz parte e depende de uma estrutura real do mundo que o cerca. Essa pretensa neutralidade ignora o poder persuasivo da experiência, como se o pesquisador pudesse ser o detentor de uma verdade una que, uma vez formulada em sua coerência, estaria isenta de questionamentos; como se ele pudesse guardar para sempre a imagem de um indivíduo imune à incoerência das paixões (JAPIASSÚ, 1975). Devido a esse arcabouço positivista que, cônica ou inconscientemente, persiste em permear boa parte das abordagens relacionadas às humanidades, habitualmente sobrevêm ao pesquisador, preocupações metodológicas como “a utilização da mesma pessoa verbal do início ao fim do texto” e – principalmente – “o necessário cuidado redobrado para não incorrer no fatídico erro da parcialidade”, interferindo indevidamente na pesquisa que, apesar de ser de sua autoria, não deve manifestar seu ponto de vista particular.

Como a maioria daqueles que se debruçam sobre as abordagens dos fenômenos humanos, sempre me empenhei em seguir os principais modelos e regras dispostos acima. Lembro-me que no período de elaboração da minha monografia de especialização, em uma conversa com um companheiro de sala de aula, indagava o seguinte: como conseguirei ser imparcial, abordando um fenômeno que também me influencia, em um mundo com o qual eu igualmente comungo? Em uma tentativa de me consolar, meu amigo então respondeu tal indagação dizendo que “nada pode ser mais humanístico que um estudo feito por um pesquisador em seu próprio lugar”. Por ocasião do período descrito, ainda desconhecia a existência da carta de alforria ao tipo

de transgressão que tanto me preocupava. Esta liberdade, é apregoada por meio das filosofias do significado norteadoras da geografia humanística que – avessa às regras positivistas, leis, modelos, certezas, precisões – defende que o pesquisador, envolvido no universo vivido das pessoas, pode, tanto utilizar diferentes pessoas verbais (eu ou nós, por exemplo), quanto comprometer a pretensa imparcialidade da pesquisa, defendida pelos paradigmas positivistas e neo-positivistas.

A tão largamente difundida “neutralidade científica” tornou-se mito devido ao discernimento de que toda pesquisa científica defende um determinado ponto de vista, tanto do pesquisador, quanto do grupo que ele representa, sendo por isso tendenciosa. Uma vez que a filosofia desmistificou essa crença e, considerando também que o humanismo apregoa a inclusão dos valores humanos atrelados à subjetividade e ao intermundo em seus estudos, não temo em revelar que a presente pesquisa carrega uma considerável parcialidade, uma vez que o pesquisador também representa uma parte do universo vivido pesquisado. Apesar da confessa parcialidade com a qual essa dissertação foi elaborada, creio que a mesma abarca um ponto de vista coletivo, e não apenas individual. Nesse ponto, a abordagem elaborada a partir da visão subjetiva de alguns guaratibanos, convergiu para a elucidação da intersubjetividade, que para Schutz (1979) representa um estoque de conhecimentos vivenciado e interpretado por várias pessoas que funciona como uma espécie de código de referência. Nesse sentido, vivenciar determinado lugar pressupõe viver envolvido interativamente com muitas pessoas, em complexas redes de relacionamentos que convergem para a ocorrência de experiências compartilhadas.

A presente pesquisa, ao decodificar as experiências vividas por membros da comunidade estudada, ratificou a premissa fenomenológica de que “cada indivíduo constrói seu próprio mundo” (SCHUTZ, 1979, p.17). Mais que isso, o presente estudo, ao decifrar vivências, sentimentos e outras experiências comuns a vários indivíduos, revelou o fenômeno intersubjetivo, uma vez que “experiências individuais convergem para a coletividade” (MELLO, 2000, p.42). Por meio do nicho de experiências compartilhadas, pelo pesquisador inclusive, ensejei descortinar o processo de mudanças espaciais vigentes em Ilha de Guaratiba desde a década de 1970, e o reflexo dessas transformações na vida e no conjunto de valores e sentimentos dos

guaratibanos, envoltos igualmente por essa metamorfose espacial e existencial que ocorre em seu universo vivido.

A fim de corresponder ao(s) objetivo(s) desta dissertação, o caminho de investigação foi percorrido tendo em vista a explicação de sua questão central. Com esse intuito, buscamos, primeiramente, discorrer sinteticamente sobre as diferentes fases do processo de mudanças que ocorrem em Ilha de Guaratiba, partindo de depoimentos de seus moradores. Nessa etapa da pesquisa, nossa finalidade foi buscar uma contextualização espacial e temporal do evento que desse conta da exposição de elementos que seriam importantes no seu desenrolar. Após situar espacial e temporalmente o referido processo e seus elementos representativos, nos debruçamos sobre sua importância como símbolos do lugar, bem como sobre sua influência em relação às metamorfoses existenciais captadas nos depoimentos sugeridos.

Concernente ao método, duas preocupações fundamentais nos sobrevieram durante a elaboração desta pesquisa. A primeira se baseia em um dos princípios básicos a ser observado na produção de uma dissertação, segundo o qual deve-se fugir de uma abordagem panorâmica, devido ao risco do enciclopedismo (ECO, 1997). Realmente, o fato de perseguirmos a descrição do processo de mudança que ocorre na referida porção espacial, sendo esse evento possuidor de diversas nuances, criou uma sensação da amplitude temática. Vale repetir, no entanto, que esse risco se fez necessário devido à meta geral – traçada no início desse trabalho dissertativo – que consistiu na decodificação dos símbolos e das geografias existenciais que emergiram no bojo de um processo de mudanças espaciais que não poderia ser negligenciado.

A segunda apreensão, relacionada à primeira, refere-se à estrutura do trabalho, onde, inicialmente, procuramos espacializar temporalmente as diferentes fases do processo de mudanças funcionais, estruturais e formais que ocorrem em Ilha de Guaratiba para, só em seguida, decifrar e decodificar os símbolos e as geografias existenciais do lugar. A disposição dos capítulos desta dissertação, estão de acordo com Claval (2001, p.46), quando argumenta que a abordagem humanística não se fundamenta na “distribuição espacial dos fatos sociais”, mas na “maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência”. Na realidade, a explanação do evento focalizado no segundo capítulo fez-

se necessária devido à sua importância para a construção simbólica e identitária do lugar. Sendo assim, os diferentes contextos geográficos que serviram de pano de fundo para as experiências aludidas por Claval (2001), não poderiam ser deixados de lado.

A fim de não finalizar esse trabalho em meio a preocupações e justificativas metodológicas, gostaria de evocar o caráter sagrado do sentido de lugar, embasando-me na arraigada perspectiva religiosa de Mircea Eliade (2007) em relação à descrição mítica sobre o simbolismo do centro. A alusão a essa abordagem sacra representa uma derradeira tentativa de expressar – por meio de palavras – o valor, o significado, a importância e a relevância do lugar para a pessoa que o vivencia e faz do mesmo o eixo central para onde tudo converge. O citado filósofo, ao se debruçar sobre a história das religiões, percorre algumas tradições orientais até situar o Paraíso, onde o homem (Adão) foi criado por Deus a partir do barro, no centro do mundo – ou no umbigo da Terra (ELIADE, 2007). Esse insight, trazido por Eliade, nos remete a uma espécie de devaneio na tentativa de apurar o porquê do amor e da veneração do ser humano por seu universo vivido.

Qual teria sido o maior castigo imposto ao homem por sua desobediência à ordem Divina? Uns diriam ter sido a exaustão imposta pelo trabalho que a partir de então se tornou fatigante. A maioria, certamente, afirmaria ser a morte, que passou a vigorar após o pecado, o “castigo capital” tributado ao homem. A morte física, no entanto, não foi imposta pelo Criador, sobrevivendo ao homem como a maior consequência do seu pecado. Uma vez descartada a morte, não teria sido a expulsão do Paraíso – o lugar por excelência – o grande castigo imposto ao homem pelo Criador?

Estabelecendo um gancho entre a expulsão do homem de seu lugar, evidenciada no parágrafo acima, e a continuidade do processo de transformações espaciais e valorização imobiliária em Ilha de Guaratiba, nas linhas abaixo, deixo uma questão que pode nortear desdobramentos futuros:

Em meio ao esforço implementado pelo poder público na promoção de uma sólida base infra-estrutural que possa dar suporte aos grandiosos eventos esportivos que a cidade sediará, quais sejam a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas de 2016, um monumental empreendimento acabou de dar início às suas

obras. Trata-se do Túnel da Grota Funda, passagem subterrânea que, por meio da perfuração da parte menos acentuada da Serra Geral de Guaratiba, encurtará a distância entre a baixada do mesmo nome e o bairro Recreio dos Bandeirantes. No entanto, mesmo antes do início de sua construção, o túnel que desembocará em Ilha de Guaratiba já começou a desalojar alguns residentes do lugar devido às desapropriações. Além disso, as notícias sobre a construção estão promovendo uma verdadeira corrida imobiliária em direção ao local, culminando com a cobrança do imposto urbano (IPTU) em uma área em que era comum o pagamento do imposto rural (ITR).

Diante do exposto, proponho a seguinte indagação: ao concorrer para a incorporação da referida espacialidade à malha urbana carioca, as transformações espaciais em voga, após contribuir na promoção do lugar como tal, estariam na eminência de expulsar os guaratibanos de seu universo vivido? Ou outros envolvimento afetivos brotarão no âmbito deste lugar vivido em um futuro imediato?

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008. 155 p.

\_\_\_\_\_. A Cidade, a Montanha e a Floresta. In: \_\_\_\_\_. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 55-103.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996. 255 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1992. 232 p.

ARAÚJO, Dorothy Sue Dunn de. A Vegetação da baixada de Guaratiba-Sepetiba. In: KNEIP, Maria Lina et al. *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. p. 47-72.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de Segunda Residência: a Expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro: set/out, p. 107-122, 2003.

ATLAS das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990. Paginação irregular.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Geografia Cultural: um Século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.

CALS, Soraia. *Roberto Burle Marx: uma Fotobiografia*. Rio de Janeiro: Bolsa de Arte, 1995. Paginação irregular.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Turismo e a Produção do Não-Lugar. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; YÁZIGI, Eduardo. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 25-36.

\_\_\_\_\_. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. Paginação irregular.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. *Rio de Janeiro : Uma cidade conectada por túneis – panorama até o final dos anos sessenta*. 2002. Monografia (Especialização em Geografia) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002. Paginação irregular.

CASTRO, Augusto César de. *Guaratiba: Ontem e Hoje*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de Licenciatura em História, FEUC, Rio de Janeiro, 2002. Paginação irregular.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In:\_\_\_\_\_. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 11-36.

CLAVAL, Paul. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Meio Ambiente e a Metrópole. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 27-36.

\_\_\_\_\_. *O Espaço Urbano*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

\_\_\_\_\_. Espaço: Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). *Geografia: conceitos e temas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 15-47.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Revista Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 149-156, 2008. Edição comemorativa 1993-2008.

DREW, David. *Processos Interativos Homem-Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 224 p.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997. 231 p.

ELIADE, Mircea. *La Nostalgie des Origines*. Paris: Folio-Essais; Galimard, 1971. Não paginado.

\_\_\_\_\_. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 2007. 175 p.



FERNANDES, Marcio Luis. *Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar*. 2003. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro 2003.

\_\_\_\_\_. *A Valorização do “Espaço” produzindo a valoração do “Lugar.”* O caso de Ilha de Guaratiba – R.J. 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006..

\_\_\_\_\_. Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca. In; SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 2, 2009, .Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2009. Não paginado.

FERREIRA, Antônia Maria M; OLIVEIRA, Marli Vieira de. Contribuição ao Estudo Arqueo-Geológico do Quaternário Superior da Baixada de Guaratiba-Sepetiba. In: Kneip, Maria Lina et al. *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. p. 29-45.

FREITAS, Inês Aguiar de; PERES, Waldir Rugero; RAHY, Ione Salomão. A Janela de Hitler. *GeoUERJ – Revista do Departamento de Geografia*. Rio de Janeiro n. 6, p. 29-36, 1999.

GALLAIS, Jean. Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 63-81, 2002.

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 13-26.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 366 p.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário Geológico e Geomorfológico*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 446 p.

HAESBAERT, Rogério. O Mito da *Desterritorialização*: Do “fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-122.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 137-147, 2008. Edição comemorativa 1993-2008.

JAPIASSÚ, Hilton. *O Mito da Neutralidade Científica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. Paginação irregular.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 309 p.

KNEIP, Maria Lina et AL (Org). *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. 257 p.

LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausencia*. Contribución a la teoria de lãs representaciones. México: FCE, 1983. Paginação irregular.

LESSA, Carlos. *O Rio de Todos os Brasís: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 478 p.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

MASCARENHAS, Gilmar. *O Lugar da Feira-Livre na grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência* (Rio de Janeiro: 1964-1989). 1991. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MASSEY, Doren. *Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Viva e Uma Crítica Radical ao Positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 52, n. 4 p. 91-115, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística*. 1991. 300 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. A Humanização da Natureza – uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: SILVA, S. T.; VIANA, O. M. *Geografia e Questão Ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, 31-40, 1993.

\_\_\_\_\_. Em Defesa dos Indivíduos nos Estudos Geográficos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO 1., 1999, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: UNESP, 1999. p. 113-118.

MELLO, João Baptista Ferreira de. *Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como documento para a construção de conceitos geográficos*. 2000. Paginação irregular Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

\_\_\_\_\_. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos “Deslugares”. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.

\_\_\_\_\_. No Pulsar da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE AMERICA LATINA Y EL CARIBE – SOLAR, 9., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2004. Sem paginação.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. *Espaço e Cultura* . Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 33-40, 2005.

\_\_\_\_\_. Os Tambores e as Flechas de São Sebastião do Rio de Janeiro.: *Revista Imaginário e Arte* ,São Paulo, n.15, p. 37-67, 2007.

\_\_\_\_\_. O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 173-186, 2008.

MENEZES, Luiz Fernando et al (Org). *História Natural da Marambaia*. Rio de Janeiro: EDUR, 2005. Paginação irregular.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.

MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação*. São Paulo: Contexto, 2009. 172 p.

NOGUÉ Y FONT, J. El paisaje existencial de cinco grupos de experiência ambiental. Ensaio metodológico. In: BALLESTEROS, A. *Geografía y Humanismo*. Barcelona: Oikos-tau, 1992. p. 87-96.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Edições 70. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 284 p.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.

PERFIL de Guaratiba. XXVI Região administrativa (GUARATIBA): Setor de Coletas de Dados e Informações, 2005. Paginação incorreta.

PINTO, Rivadávia. *Guaratiba: Um Orgulho de 407 Anos. Razão: o jornal positivo*. Rio de Janeiro, não paginado, Nov. 1986.

POCOCK, Douglas. Place and the novelist. *Transactions of the Institute of British Geographers: New Series* 6, 1981. p. 87-98.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976. 156 p.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. 352 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; COELHO, Maria do Socorro Alves. *A importância do fenômeno da segunda habitação e suas implicações com a atividade de lazer-veraneio: o exemplo do Estado do Rio de Janeiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 9., 2007, Niterói: ANPEGE, 2007. 1 CD-ROM.

RUA, João. Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002. p. 27-42.

\_\_\_\_\_. Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002b. p. 43-69.

SÁ, Fátima. Burle Marx Não Morreu. *Revista O Globo*. Ano 5. n.º227. Rio de Janeiro: 30 de nov. 2008. Paginação irregular.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 117 p.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319 p.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O Desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 366 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 556 p.

\_\_\_\_\_. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 190 p.

\_\_\_\_\_. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288 p.

TUAN, Yu Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980. 288 p.

\_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

\_\_\_\_\_. *The good life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986. 191 p.

\_\_\_\_\_. A view of geography. *Geographical Review*. New York, v. 81 n. 1: p. 99-106, 1991.

\_\_\_\_\_. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245 p.

\_\_\_\_\_. *Paisagens do Medo*. São Paulo: UNESP, 2005. 373 p.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.

YÁZIGI, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). *Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 253-265.